

FACULDADE DE PSICOLOGIA E DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE DO PORTO

UM ESBOÇO DE UMA (OUTRA) ESCOLA
NUMA TELA PROSPECTIVA

(Os sentidos e olhares sobre a Área de Projecto pelos pintores do esboço)

VOLUME 2

Fernando Paulo Mateus Elias

2003

FERNANDO PAULO MATEUS ELIAS

**UM ESBOÇO DE UMA (OUTRA) ESCOLA
NUMA TELA PROSPECTIVA**

(Os sentidos e olhares sobre a Área de Projecto pelos pintores do esboço)

Dissertação apresentada na Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da
Universidade do Porto, para obtenção do grau de Mestre em Ciências da Educação -
Especialização em Educação e Diversidade Cultural

ORIENTADOR: PROFESSOR DOUTOR RICARDO VIEIRA

ÍNDICE DOS ANEXOS

Página

Anexo A-1	Caracterização do pessoal docente em exercício no Agrupamento - Pré-Escolar	3
Anexo A-2	Caracterização do pessoal docente em exercício no Agrupamento - 1º Ciclo	4
Anexo A-3	Caracterização do pessoal docente em exercício no Agrupamento - 2º Ciclo	5
Anexo A-4	Caracterização do pessoal docente em exercício no Agrupamento - 3º Ciclo	6
Anexo B	Caracterização dos membros docentes do Conselho Pedagógico	7
Anexo C	Caracterização dos Directores de Turma	8
Anexo D	Caracterização dos professores de Área de Projecto	9
Anexo E	Temas da Área de Projecto (2002/2003)	10
Anexo F	Dispositivo de Avaliação - Área de Projecto (2002/2003)	11
Anexo G	Inquérito aos alunos sobre a Área de Projecto	12
Anexo H	Exemplo do inquérito respondido por um aluno sobre a Área de Projecto	13
Anexo I	Guiões das entrevistas	14
	Professores	15
	Alunos	19
	Coordenador de Ano	23
	Pais e Encarregados de Educação	30
Anexo J	Orientações gerais para a gestão da Área de Projecto	33
Anexo L	Reajustamento das orientações gerais para a gestão da Área de Projecto	34
Anexo M	Protocolos das entrevistas	35
	Coordenador de Ano	36
	Coordenador dos Directores de Turma	43
	Professores	52
	Pais/Encarregados de Educação	62
	Alunos	68
Anexo N	Grelha-roteiro de observação das aulas e actividades de Área de Projecto	71
Anexo O	Exemplo de uma planificação da Área de Projecto	75
Anexo P	Exemplo de actividades previstas no Projecto Curricular de Turma de uma turma do 2º ciclo	77

Anexo A-1. Caracterização do pessoal docente em exercício no Agrupamento

Pré - Escolar					
Caracterização		Anos Lectivos			
		2001/2002		2002/2003	
		Número	Percent.	Número	Percent.
Categoria Profissional	Quadro de Vinculação	5	29,4	4	28,6
	Quadro Único	12	70,6	10	71,4
Sexo	Feminino	16	94,1	13	92,8
	Masculino	1	5,9	1	7,2
Idade	Até 30 anos	-	-	-	-
	De 31 a 40 anos	7	41,2	4	28,6
	De 41 a 50 anos	9	52,9	10	71,4
	Mais de 50 anos	1	5,9	-	-
	Média	41,2	-	42,1	-
Número de anos no Agrupamento	Menos de 1 ano	6	35,3	3	21,4
	De 1 a 5 anos	11	64,7	11	78,6
	De 6 a 10 anos	-	-	-	-
	De 11 a 15 anos	-	-	-	-
	De 16 a 20 anos	-	-	-	-
	De 21 a 25 anos	-	-	-	-
	Mais de 25 anos	-	-	-	-
	Média	3,6	-	4,1	-
Cargo que desempenha	Coordenador Conselho de Docentes	2	11,8	1	7,2
	Director de Turma	-	-	-	-
	Outro	3	17,6	3	21,4
	Sem cargo	12	70,6	10	71,4
Período de trabalho	Manhã	-	-	-	-
	Tarde	-	-	-	-
	Horário Normal	13	76,5	11	78,6
Destacados, requisitados, etc, noutras instituições		3	17,6	3	21,4

Anexo A-2. Caracterização do pessoal docente em exercício no Agrupamento

1º Ciclo					
Caracterização		Anos Lectivos			
		2001/2002		2002/2003	
		Número	Percent.	Número	Percent.
Categoria Profissional	Quadro de Vinculação	28	62,2	23	59
	Quadro Geral	17	37,8	16	41
Sexo	Feminino	41	91,1	36	92,3
	Masculino	4	8,9	3	7,7
Idade	Até 30 anos	1	2,2	4	10,2
	De 31 a 40 anos	15	33,3	10	25,6
	De 41 a 50 anos	22	48,9	20	51,3
	Mais de 50 anos	7	15,6	5	12,9
	Média	42,2	-	42,1	-
Número de anos no Agrupamento	Menos de 1 ano	5	11,1	8	20,5
	De 1 a 5 anos	37	82,2	19	48,7
	De 6 a 10 anos	3	6,7	12	30,8
	De 11 a 15 anos	-	-	-	-
	De 16 a 20 anos	-	-	-	-
	De 21 a 25 anos	-	-	-	-
	Mais de 25 anos	-	-	-	-
	Média	4,9	-	5,7	-
Cargo que desempenha	Coordenador Conselho de Docentes	4	8,9	4	10,3
	Director de Turma	-	-	-	-
	Outro	3	6,7	3	7,7
	Sem cargo	38	84,4	32	82
Período de trabalho	Manhã	3	6,7	1	2,6
	Tarde	2	4,5	1	2,6
	Horário Normal	34	75,6	32	82
Destacados, requisitados, etc, noutras instituições		12	26,7	13	33,4

Anexo A-3. Caracterização do pessoal docente em exercício no Agrupamento

2º Ciclo					
Caracterização		Anos Lectivos			
		2001/2002		2002/2003	
		Número	Percent.	Número	Percent.
Categoria Profissional	Contratado Provisório Hab. Própria	10	34,5	3	13
	Contratado Provisório Hab. Sufic.	1	3,5	1	4,4
	Quadro Nomeação Definitiva	11	37,9	10	43,5
	Quadro Nomeação Provisória	-	-	-	-
	Profissionalizado	-	-	-	-
	Quadro Zona Pedagógica Nom. Defini.	7	24,1	5	21,7
	Quadro Zona Pedagógica Nom. Provis.	-	-	4	17,4
Sexo	Feminino	20	68,9	16	69,6
	Masculino	9	31,1	7	30,4
Idade	Até 30 anos	6	20,7	2	8,7
	De 31 a 40 anos	16	55,2	15	65,2
	De 41 a 50 anos	7	24,1	5	21,7
	Mais de 50 anos	-	-	1	4,4
	Média	36,3	-	37,6	-
Número de anos no Agrupamento	Menos de 1 ano	16	55,2	13	56,5
	De 1 a 5 anos	7	24,1	8	34,8
	De 6 a 10 anos	6	20,7	2	8,7
	De 11 a 15 anos	-	-	-	-
	De 16 a 20 anos	-	-	-	-
	De 21 a 25 anos	-	-	-	-
	Mais de 25 anos	-	-	-	-
	Média	3,8	-	3,2	-
Cargo que desempenha	Coord. Depart. /Subdepart. Curricular	5	17,2	9	39,2
	Director de Turma	8	27,6	8	34,8
	Outro	4	13,8	-	-
	Sem cargo	12	41,4	6	26
Período de trabalho	Manhã	2	6,9	-	-
	Tarde	-	-	-	-
	Misto	27	93,1	23	100
Destacados, requisitados, etc, noutras instituições.		5	17,2	7	30,4

Anexo A-4. Caracterização do pessoal docente em exercício no Agrupamento

3º Ciclo					
Caracterização		Anos Lectivos			
		2001/2002		2002/2003	
		Número	Percent.	Número	Percent.
Categoria Profissional	Contratado Provisório Hab. Própria	9	25	8	27,6
	Contratado Provisório Hab. Sufic.	6	16,6	-	-
	Quadro Nomeação Definitiva	11	30,6	9	31
	Quadro Nomeação Provisória	-	-	2	6,9
	Profissionalizado	1	2,8	4	13,8
	Quadro Zona Pedagógica Nom. Defini.	9	25	4	13,8
	Quadro Zona Pedagógica Nom. Provis.	-	-	2	6,9
Sexo	Feminino	29	80,6	22	75,9
	Masculino	7	19,4	7	24,1
Idade	Até 30 anos	16	44,5	13	44,8
	De 31 a 40 anos	17	47,2	14	48,3
	De 41 a 50 anos	3	8,3	2	6,9
	Mais de 50 anos	-	-	-	-
	Média	33,6	-	34,4	-
Número de anos no Agrupamento	Menos de 1 ano	21	58,3	14	48,3
	De 1 a 5 anos	8	22,3	8	27,6
	De 6 a 10 anos	7	19,4	7	24,1
	De 11 a 15 anos	-	-	-	-
	De 16 a 20 anos	-	-	-	-
	De 21 a 25 anos	-	-	-	-
	Mais de 25 anos	-	-	-	-
	Média	3,6	-	4,3	-
Cargo que desempenha	Coord. Depart. /Subdepart. Curricular	9	25	9	31
	Director de Turma	10	27,8	8	27,6
	Outro	2	5,6	-	-
	Sem cargo	15	41,6	12	41,4
Período de trabalho	Manhã	4	11,1	3	10,3
	Tarde	3	8,4	2	6,9
	Misto	29	80,5	24	82,8
Destacados, requisitados, etc, noutras instituições		10	27,8	9	31

Anexo B. Caracterização dos membros docentes do Conselho Pedagógico

Caracterização		Anos Lectivos																							
		Pré Escolar						1º Ciclo						2º Ciclo						3º Ciclo					
		2001/2002		2002/2003		2001/2002		2002/2003		2001/2002		2002/2003		2001/2002		2002/2003		2001/2002		2002/2003					
		Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%				
	Quadro Geral	-	-	-	-	1	25	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-					
	Quadro Único	1	50	2	100	-	-	3	100	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-					
	Quadro de Vinculação	1	50	-	-	3	75	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-					
	Contratado Prov. Hab. Própria	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-					
	Contratado Provisório Hab. Sufic.	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-					
	Quadro Nomeação Definitiva	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-					
	Quadro Nomeação Provisória	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-					
	Profissionalizado	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-					
	Quadro Zona Pedag. Nom. Definitiva	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-					
	Quadro Zona Pedag. Nom. Provisória	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-					
	Feminino	2	100	2	100	3	75	3	100	1	100	2	66,7	2	50	2	50	2	50	2	50				
	Masculino	-	-	-	-	1	25	-	-	-	-	1	33,3	1	33,3	2	50	2	50	1	25				
	Até 30 anos	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-				
	De 31 a 40 anos	1	50	-	-	2	50	1	33,3	1	100	1	33,3	1	25	1	25	3	75	4	100				
	De 41 a 50 anos	1	50	2	100	2	50	2	66,4	-	-	1	33,3	-	-	-	-	-	-	-	-				
	Mais de 50 anos	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-				
	Média	45	-	50	-	45	-	41,6	-	35	-	38,75	-	41,25	-	35	-	41,25	-	35	-				
	Menos de 1 ano	1	50	1	50	1	25	2	66,4	-	-	-	-	2	50	1	25	2	50	1	25				
	De 1 a 5 anos	1	50	1	50	3	75	1	33,3	1	100	2	66,7	2	50	3	75	2	50	3	75				
	De 6 a 10 anos	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	33,3	-	-	-	-	-	-	-	-				
	De 11 a 15 anos	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-				
	De 16 a 20 anos	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-				
	De 21 a 25 anos	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-				
	Mais de 25 anos	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-				
	Média	3	-	3	-	4	-	2,3	-	5	-	6,7	-	3	-	4	-	3	-	4	-				
	Manhã	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-				
	Tarde	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-				
	Horário Normal / Misto	2	100	2	100	4	100	3	100	1	100	3	100	4	100	4	100	4	100	4	100				

Anexo C. Caracterização dos Directores de Turma

Caracterização		Anos Lectivos											
		2001/2002						2002/2003					
		Total		2º Ciclo		3º Ciclo		Total		2º Ciclo		3º Ciclo	
N.º	%	N.º	%	N.º	%	N.º	%	N.º	%	N.º	%	N.º	%
Categoria Profissional	Contratado Prov. Hab. Própria	3	18,7	2	25	1	12,5	1	6,25	1	12,5	-	-
	Contratado Provisório Hab. Suficiente	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Sexo	Quadro Nomeação Definitiva	5	31,3	3	37,5	2	25	4	25	2	25	2	25
	Quadro Nomeação Provisória	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Idade	Profissionalizado	-	-	-	-	-	-	2	12,5	-	-	2	25
	Quadro Zona Pedag. Nom. Definitiva	6	37,5	3	37,5	3	37,5	8	50	5	62,5	3	37,5
Número de anos no Agrupamento	Quadro Zona Pedag. Nom. Provisória	2	12,5	-	-	2	25	1	6,25	-	-	1	12,5
	Feminino	14	87,5	7	87,5	7	87,5	13	81,3	7	87,5	6	75
Período de trabalho	Masculino	2	12,5	1	12,5	1	12,5	3	18,7	1	12,5	2	25
	Até 30 anos	3	18,7	2	25	1	12,5	4	25	1	12,5	3	37,5
Período de trabalho	De 31 a 40 anos	10	62,6	5	62,5	5	62,5	10	62,5	6	75	4	50
	De 41 a 50 anos	3	18,7	1	12,5	2	25	2	12,5	1	12,5	1	12,5
Período de trabalho	Mais de 50 anos	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
	Média	35,9	-	35	-	36,8	-	35	-	35,6	-	34,3	-
Período de trabalho	Menos de 1 ano	5	31,3	2	25	3	37,5	7	43,8	3	37,5	4	50
	De 1 a 5 anos	11	68,7	6	75	5	62,5	9	56,2	5	62,5	4	50
Período de trabalho	De 6 a 10 anos	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
	De 11 a 15 anos	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Período de trabalho	De 16 a 20 anos	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
	De 21 a 25 anos	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Período de trabalho	Mais de 25 anos	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
	Média	3,8	-	4	-	3,5	-	3,3	-	3,5	-	3	-
Período de trabalho	Manhã	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
	Tarde	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Período de trabalho	Misto	16	100	8	100	8	100	16	100	8	100	8	100

Anexo D. Caracterização dos professores de Área de Projecto

2º CICLO DO ENSINO BÁSICO - ANO LECTIVO DE 2002/2003			
GRUPOS DISCIPLINARES	Nº DE PROFESSORES	Nº DE ANOS NA ESCOLA	CARGOS / FUNÇÕES
1º Grupo - Português / História Geografia de Portugal	1	4	Director de Turma (DT)
3º Grupo - Inglês	1	3	Director de Turma (DT) / Coordenador dos DT
3º Grupo - Inglês	2	1	Coordenador Subdepartamento
4º Grupo - Matemática / Ciências da Natureza	1	3	Coordenador Subdepartamento
4º Grupo - Matemática / Ciências da Natureza	1	1	Director de Turma (DT)
5º Grupo - Educação Visual e Tecnológica	1	4	Director de Turma (DT)
5º Grupo - Educação Visual e Tecnológica	2	1	-----
6º Grupo - Educação Musical	2	1	Director de Turma (DT)
6º Grupo - Educação Musical	1	1	-----

3º CICLO DO ENSINO BÁSICO - ANO LECTIVO DE 2002/2003			
GRUPOS DISCIPLINARES	Nº DE PROFESSORES	Nº DE ANOS NA ESCOLA	CARGOS / FUNÇÕES
5º Grupo - Educação Visual	1	5	Coordenador Subdepartamento
8º Grupo B - Português / Francês	2	3	Director de Turma (DT)
9º Grupo - Inglês	1	1	Director de Turma (DT)
11º Grupo A - Geografia	1	2	Director de Turma (DT)
Educação Física	1	1	Director de Turma (DT)

Anexo E. Temas da Área de Projecto (2002/2003)

ANO/TURMA	TEMAS
5° A	"Património Cultural"
5° B	"A Quinta do B"
5° C	"A Comemorar também se aprende"
5° D	"A Comemorar também se aprende"
6° A	"A nossa vida nas nossas mãos"
6° B	"O Ambiente"
6° C	"Vidas com sentido"
6° D	"Nós, a Terra e a Vida"
7° A	"A Televisão"
7° B	"Envolvimentos"
7° C	"Marcos do passado, relíquias de hoje"
8° A	"Construir uma escola diferente"
8° B	"Vamos ser solidários"
8° C	"O infinito espaço que nos rodeia: da Terra ao Mar e do Mar às Estrelas"
9° A	"Adolescente, hoje!"
9° B	"Construir o futuro preservando o património histórico-cultural"

Anexo F. Dispositivo de Avaliação - Área de Projecto (2002/2003)

Competências Curriculares	Critérios	Perfil de avaliação		
		NS	S	SB
Cooperar com os outros em tarefas e projectos comuns.	Cumprir as regras estabelecidas			
	Respeitar os outros			
	Realizar as tarefas propostas			
	Cooperar nos trabalhos em equipa			
Realizar actividades de forma autónoma, responsável e criativa.	Responsabilizar-se pelas suas decisões			
	Desenvolver o espírito de tolerância e a capacidade de diálogo em relação a outras opiniões			
	Intervir de forma oportuna			
	Demonstrar espírito de iniciativa			
Usar correctamente a língua portuguesa para comunicar de forma adequada e para estruturar pensamento próprio.	Expressar-se com correcção linguística			
	Expressar-se de forma clara			
Pesquisar, seleccionar e organizar informação para a transformar em conhecimento mobilizável.	Pesquisar informação			
	Identificar informação			
	Seleccionar informação			
	Organizar / tratar informação			
Mobilizar saberes culturais, científicos e tecnológicos para compreender a realidade e para abordar situações e problemas do quotidiano.	Produzir informação			
	Relacionar informação			
	Aplicar informação			
	Elaborar sínteses orais a partir de informação dada			
	Elaborar sínteses escritas a partir de informação dada			

Nível de verificação:

- A --> Quase sempre
- B --> Por vezes
- C --> Raramente

Anexo G. Inquérito aos alunos sobre a Área de Projecto

Este breve inquérito destina-se a obter a tua opinião sobre a Área de Projecto. Assim, solicitamos a tua colaboração, apelando para o seu preenchimento **anónimo** e posterior devolução. **Muito obrigado.**

Assinala com uma cruz (x) o ano de escolaridade que frequentas	5º ano	<input type="checkbox"/>
	6º ano	<input type="checkbox"/>
	7º ano	<input type="checkbox"/>
	8º ano	<input type="checkbox"/>

1. As aulas de Área de Projecto têm sido em relação às outras disciplinas:

Assinala com uma cruz (x)

- | | | | | |
|-----------------|--------------------------|----|--------------------|--------------------------|
| Iguais | <input type="checkbox"/> | ou | diferentes | <input type="checkbox"/> |
| Mais úteis | <input type="checkbox"/> | ou | menos úteis | <input type="checkbox"/> |
| Mais activas | <input type="checkbox"/> | ou | mais paradas | <input type="checkbox"/> |
| Mais monótonas | <input type="checkbox"/> | ou | mais interessantes | <input type="checkbox"/> |
| Mais fechadas | <input type="checkbox"/> | ou | mais abertas | <input type="checkbox"/> |
| Mais agradáveis | <input type="checkbox"/> | ou | mais desagradáveis | <input type="checkbox"/> |
| Mais livres | <input type="checkbox"/> | ou | mais constrangidas | <input type="checkbox"/> |
| Mais banais | <input type="checkbox"/> | ou | mais originais | <input type="checkbox"/> |
| Mais pesadas | <input type="checkbox"/> | ou | mais leves | <input type="checkbox"/> |

2. A Área de Projecto é ou não diferente das outras disciplinas? É Não é
Porquê? _____

3. De seguida, vais encontrar algumas frases que se referem a situações que podem ter acontecido nas tuas aulas de Área de Projecto. Assinala com um (V) as afirmações verdadeiras e com um (F) as afirmações falsas.

- | | |
|---|--------------------------|
| Foram utilizados instrumentos e técnicas de trabalho mais aliciantes | <input type="checkbox"/> |
| Foi um espaço onde se dialogou muito mais | <input type="checkbox"/> |
| Houve mais confrontação com outros valores humanos, sociais e culturais | <input type="checkbox"/> |
| Foi uma ajuda para as outras disciplinas | <input type="checkbox"/> |
| Não havia testes de avaliação | <input type="checkbox"/> |
| Houve mais intervenção e troca de experiências e saberes | <input type="checkbox"/> |
| Aumentou muito mais os conhecimentos | <input type="checkbox"/> |
| Torna as pessoas mais críticas e intervenientes | <input type="checkbox"/> |
| Valorizou as experiências positivas de cada um | <input type="checkbox"/> |
| Não é preciso estudar | <input type="checkbox"/> |
| Há outra liberdade e uma forma mais aberta de lidar com os professores | <input type="checkbox"/> |

Uma vez mais, muito obrigado pela tua colaboração

Anexo H. Exemplo do inquérito respondido por um aluno sobre a Área de Projecto

INQUÉRITO AOS ALUNOS SOBRE A ÁREA DE PROJECTO

Este breve inquérito destina-se a obter a tua opinião sobre a Área de Projecto. Assim, solicitamos a tua colaboração, apelando para o seu preenchimento anónimo e posterior devolução. Muito obrigado.

Assinala com uma cruz (x) o ano de escolaridade que frequentas	5º ano	<input checked="" type="checkbox"/>
	6º ano	<input type="checkbox"/>
	7º ano	<input type="checkbox"/>
	8º ano	<input type="checkbox"/>

1. As aulas de Área de Projecto têm sido em relação às outras disciplinas: Assinala com uma cruz (x)

- | | | | | |
|-----------------|-------------------------------------|----|--------------------|-------------------------------------|
| Iguais | <input type="checkbox"/> | ou | diferentes | <input checked="" type="checkbox"/> |
| Mais úteis | <input checked="" type="checkbox"/> | ou | menos úteis | <input type="checkbox"/> |
| Mais activas | <input checked="" type="checkbox"/> | ou | mais paradas | <input type="checkbox"/> |
| Mais monótonas | <input type="checkbox"/> | ou | mais interessantes | <input checked="" type="checkbox"/> |
| Mais fechadas | <input type="checkbox"/> | ou | mais abertas | <input checked="" type="checkbox"/> |
| Mais agradáveis | <input checked="" type="checkbox"/> | ou | mais desagradáveis | <input type="checkbox"/> |
| Mais livres | <input checked="" type="checkbox"/> | ou | mais constrangidas | <input type="checkbox"/> |
| Mais banais | <input type="checkbox"/> | ou | mais originais | <input checked="" type="checkbox"/> |
| Mais pesadas | <input type="checkbox"/> | ou | mais leves | <input checked="" type="checkbox"/> |

2. A Área de Projecto é ou não diferente das outras disciplinas? É Não é

Porquê? Porque fazemos vários projetos que nos permitem ser necessários para o futuro.

3. De seguida, vais encontrar algumas frases que se referem a situações que podem ter acontecido nas tuas aulas de Área de Projecto. Assinala com um (V) as afirmações verdadeiras e com um (F) as afirmações falsas.

- | | |
|---|-------------------------------------|
| Foram utilizados instrumentos e técnicas de trabalho mais aliciantes | <input checked="" type="checkbox"/> |
| Foi um espaço onde se dialogou muito mais | <input checked="" type="checkbox"/> |
| Houve mais confrontação com outros valores humanos, sociais e culturais | <input checked="" type="checkbox"/> |
| Foi uma ajuda para as outras disciplinas | <input checked="" type="checkbox"/> |
| Não havia testes de avaliação | <input checked="" type="checkbox"/> |
| Houve mais intervenção e troca de experiências e saberes | <input type="checkbox"/> |
| Aumentou muito mais os conhecimentos | <input checked="" type="checkbox"/> |
| Torna as pessoas mais críticas e intervenientes | <input type="checkbox"/> |
| Valorizou as experiências positivas de cada um | <input checked="" type="checkbox"/> |
| Não é preciso estudar | <input type="checkbox"/> |
| Há outra liberdade e uma forma mais aberta de lidar com os professores | <input checked="" type="checkbox"/> |

Uma vez mais, muito obrigado pela tua colaboração

Anexo I. Guiões das entrevistas

- Professores
- Alunos
- Coordenadores de Ano
- Pais / Encarregados de Educação

GUIÃO DE ENTREVISTA AOS PROFESSORES

TEMA

Concepção e desenvolvimento do(s) projecto(s) da turma

OBJECTIVOS GERAIS

1. Caracterizar a génese e o desenvolvimento do projecto ao nível da turma/grupo de turmas.
2. Identificar as representações dos entrevistados sobre a componente organizacional da Área de Projecto.

ESTRUTURAÇÃO DAS ENTREVISTAS

A estruturação das entrevistas desenvolver-se-á em três blocos:

BLOCO A – Motivação e legitimação da entrevista

BLOCO B – Caracterização da concepção e desenvolvimento da Área de Projecto

BLOCO C – Interpretação do processo

RECOMENDAÇÕES GERAIS NA CONDUÇÃO DA ENTREVISTA

- Evitar condicionar o entrevistado.
- Explorar os aspectos que o entrevistado considere pertinentes.
- Esclarecer e aprofundar os conceitos dos entrevistados e os motivos e intenções das opções tomadas.
- Não restringir nem espartilhar os temas utilizando-os como tópicos de referência.

BLOCO A – Motivação e legitimação da entrevista

Objectivos específicos:

1. Esclarecer o entrevistado acerca das finalidades e objectivos do projecto.
2. Garantir a confidencialidade.
3. Motivar o entrevistado.
4. Solicitar a colaboração.

Tópicos orientadores:

- Informar o entrevistado das finalidades do projecto de investigação.
- Salientar o carácter restrito e confidencial do uso das informações a recolher.
- Realçar o valor da colaboração destacando a sua importância para a concretização dos objectivos do estudo

BLOCO B – Caracterização da concepção e desenvolvimento do projecto

Objectivos específicos:

1. Descrever a génese do(s) projecto(s) de turma, a sua organização e desenvolvimento.
2. Identificar os actores escolares e a sua forma de participação.
3. Identificar os processos de institucionalização dos projectos.

Tópicos orientadores e possíveis questões:

1. GÉNESE DAS ACTIVIDADES

- Como foram escolhidas as actividades?
- Quais os passos dados até à aprovação e à planificação das actividades?

2. PARTICIPAÇÃO

- Quem participou no desenvolvimento das actividades?
- Que órgãos (formais e informais) tiveram intervenção no processo?
- Qual o grau de adesão/participação dos alunos, professores, pais/encarregados de educação e outros elementos da comunidade?
- Que estratégias foram desenvolvidas para envolver os actores escolares?

BLOCO B – Caracterização da concepção e desenvolvimento do projecto

Tópicos orientadores e possíveis questões (continuação):

3. LIDERANÇA

- Quem liderou o processo?
- Destacou-se algum elemento ou grupo na liderança do processo?
- Qual foi o papel do Conselho Executivo no apoio às actividades?

4. CONCERTAÇÃO/NEGOCIAÇÃO NA PLANIFICAÇÃO DAS ACTIVIDADES

- Como se estabeleceu a articulação entre a identificação dos objectivos/competências, a selecção das actividades, a distribuição do tempo e dos recursos?
- Qual a relação entre as actividades e as outras disciplinas?
- Houve conflitos? Se sim, como foram resolvidos?

5. ACTIVIDADES / ESTRATÉGIAS / INOVAÇÕES

- Que actividades e estratégias foram desenvolvidas ao longo da execução desta área?
- Quais as principais inovações pedagógicas introduzidas?
- As actividades da Área de Projecto foram consideradas na avaliação dos alunos?

6. DIFICULDADES / OBSTÁCULOS

- Que dificuldades encontrou na execução da Área de Projecto?
- Qual a sua natureza? Organizacional? Curricular? Falta de recursos? Falta de preparação dos professores? (**Ver Nota 1**)
- Obstáculos detectados? De que natureza? De quem?
- Que dificuldades foram ultrapassadas? Como?
- Que estratégias foram desenvolvidas para envolver os actores escolares?

Nota 1: No acto da realização das entrevistas, é nossa intenção clarificar o que se entende por dificuldades organizacionais e curriculares.

BLOCO C – Interpretação do processo

Objectivos específicos:

1. Identificar as finalidades mais importantes da Área de Projecto a nível organizacional e curricular.
2. Identificar em que medida o clima existente nas actividades da Área de Projecto reflecte o clima de escola.

Tópicos orientadores e possíveis questões:

1. FINALIDADES DA ÁREA DE PROJECTO

- Quais as finalidades da Área de Projecto que mais valoriza, a nível da organização da escola e a nível da organização da turma?
- Que aspectos considera positivos e/ou negativos no desenvolvimento da Área de Projecto em geral?

2. RELAÇÃO COM O CLIMA DA ESCOLA

- Qual o grau de convergência ou divergência de perspectivas e objectivos dos professores, alunos, pais/encarregados de educação, relativamente às actividades da Área de Projecto?
- Considera que o clima de trabalho das actividades da Área de Projecto (cooperação entre os professores, relação professor-aluno, motivação e satisfação no trabalho) é idêntico ou diferente ao clima existente nas restantes disciplinas?
- Se é diferente, quais as diferenças? Porque existem?

QUESTÕES FINAIS

- Pensa que as actividades da Área de Projecto trazem vantagens reais para os alunos?
- Quer acrescentar alguma coisa sobre a Área de Projecto que não tenha sido abordada?
- Quer indicar o nome de outras pessoas que devem ser ouvidas no âmbito deste trabalho?

AGRADECER A COLABORAÇÃO PRESTADA

GUIÃO DE ENTREVISTA AOS ALUNOS

TEMA

Concepção e desenvolvimento do(s) projecto(s) da turma

OBJECTIVOS GERAIS

1. Caracterizar a génese e o desenvolvimento do(s) projecto(s) ao nível da turma/grupo de turmas.
2. Identificar as representações dos entrevistados sobre a componente organizacional da Área de Projecto.

ESTRUTURAÇÃO DAS ENTREVISTAS

A estruturação das entrevistas desenvolver-se-á em três blocos:

BLOCO A – Motivação e legitimação da entrevista

BLOCO B – Caracterização da participação na concepção, planificação e desenvolvimento das actividades da Área de Projecto

BLOCO C – Interpretação do processo

RECOMENDAÇÕES GERAIS NA CONDUÇÃO DA ENTREVISTA

- Evitar condicionar os entrevistados.
- Explorar os aspectos que o entrevistado considere pertinentes
- Não restringir nem espartilhar os temas utilizando-os como tópicos de referência.
- Esclarecer e aprofundar os conceitos dos entrevistados.

BLOCO A – Motivação e legitimação da entrevista

Objectivos específicos:

1. Esclarecer o entrevistado acerca das finalidades e objectivos do trabalho.
2. Garantir a confidencialidade.
3. Motivar o entrevistado.
4. Solicitar a colaboração.

Tópicos orientadores:

- Informar o entrevistado das finalidades do projecto de investigação.
- Salientar o carácter restrito e confidencial do uso das informações a recolher.
- Realçar o valor da colaboração destacando a sua importância para a concretização dos objectivos do estudo.

BLOCO B – Caracterização da participação na concepção, na planificação e desenvolvimento das actividades da Área de Projecto

Objectivos específicos:

1. Descrever a génese do projecto de turma.
2. Descrever a organização e desenvolvimento das actividades da turma.
3. Identificar as formas de participação dos entrevistados e de outros actores escolares.

Tópicos orientadores e possíveis questões:

1. CONCEPÇÃO DAS ACTIVIDADES

Procurar saber:

- Quem escolheu as actividades (alunos, professores, pais/encarregados de educação, outros elementos da comunidade).
- Como foram escolhidas as actividades (reuniões de alunos, reuniões de alunos com professores, com outros elementos).
- Se houve acordo ou desacordo na escolha das actividades.
- Qual o grau de adesão de alunos, professores e outros elementos da comunidade.

BLOCO B – Caracterização da participação na concepção, na planificação e desenvolvimento das actividades da Área de Projecto

Tópicos orientadores e possíveis questões (continuação):

2. PLANIFICAÇÃO DAS ACTIVIDADES

Procurar saber:

- Que actividades desenvolveram.
- Quem escolheu as actividades desenvolvidas (os alunos, os professores sozinhos ou os alunos e os professores em conjunto).
- Se os pais/encarregados de educação participaram na organização das tarefas.

3. DESENVOLVIMENTO DAS ACTIVIDADES

Procurar saber:

- Se as actividades foram só feitas nas aulas normais ou houve aulas e reuniões extra.
- Se os trabalhos foram feitos na escola ou saíram para outros locais.
- Que locais da escola utilizaram para a realização das tarefas.
- Que trabalhos fizeram.
- Se os pais/encarregados de educação ajudaram na realização das actividades.
- Como foram apresentados os trabalhos.
- Quais as principais dificuldades que surgiram no desenvolvimento das actividades.
- Como foi feita a avaliação das actividades.

BLOCO C – Interpretação do processo

Objectivos específicos:

1. Identificar o grau de satisfação dos entrevistados na participação das actividades da Área de Projecto.
2. Identificar em que medida o clima existente nas actividades da Área de Projecto reflecte o clima de escola.

Tópicos orientadores:

Procurar saber:

- Se os alunos gostaram de participar nas actividades.
- De que é gostaram mais; de que é que gostaram menos.
- Se gostaram mais, ou menos, das actividades da Área de Projecto ou das outras disciplinas.
- Se existiu uma boa relação de amizade entre os professores e os alunos e entre os alunos nas actividades da Área de Projecto.
- Quais as diferenças em relação às aulas das outras disciplinas.
- Se os entrevistados gostam de estar nesta escola.
- Se os colegas aceitaram bem ou mal as actividades da Área de Projecto.
- Se na turma do entrevistado existem habitualmente actos de indisciplina.
- Se existiram actos de indisciplina nas actividades da Área de Projecto.

QUESTÕES FINAIS

- Achas que as actividades da Área de Projecto trazem vantagens para os alunos?
- Queres dizer mais alguma coisa sobre as actividades da Área de Projecto?
- Queres indicar o nome de outros alunos que devem ser ouvidos?

AGRADECER A COLABORAÇÃO PRESTADA

GUIÃO DE ENTREVISTA AOS COORDENADORES DE ANO

TEMA

Concepção, desenvolvimento e interpretação do processo de construção do(s) projecto(s) da turma: aspectos organizacionais

OBJECTIVOS GERAIS

1. Identificar os processos e procedimentos de concepção e execução do(s) projecto(s) ao nível da turma/grupo de turmas.
2. Identificar a percepção dos entrevistados sobre os aspectos organizacionais da Área de Projecto, tais como a lógica de funcionamento, a articulação com os Projectos Educativo e Curricular do Agrupamento e com o Projecto Curricular de Turma e a relação com o clima da escola.

Considerando o quadro teórico de referência, a operacionalização desenvolver-se-á em duas dimensões:

1ª PROCESSOS E PROCEDIMENTOS

2ª INTERPRETAÇÃO DO PROCESSO

ESTRUTURAÇÃO DAS ENTREVISTAS

A estruturação das entrevistas desenvolver-se-á em quatro blocos:

BLOCO A – Motivação e legitimação da entrevista

BLOCO B e C– Concepção da Área de Projecto e sua execução, ambos referentes à 1ª dimensão.

BLOCO D – Interpretação do processo

RECOMENDAÇÕES GERAIS NA CONDUÇÃO DA ENTREVISTA

- Evitar condicionar o entrevistado.
- Explorar os aspectos que o entrevistado considere pertinentes.
- Esclarecer e aprofundar os conceitos dos entrevistados e os motivos e intenções das opções tomadas.
- Não restringir nem espartilhar os temas utilizando-os como tópicos de referência.

BLOCO A – Motivação e legitimação da entrevista

Objectivos específicos:

1. Esclarecer o entrevistado acerca das finalidades e objectivos do projecto.
2. Garantir a confidencialidade.
3. Motivar o entrevistado.
4. Solicitar a colaboração.

Tópicos orientadores:

- Informar o entrevistado das finalidades do projecto de investigação.
- Salientar o carácter restrito e confidencial do uso das informações a recolher.
- Realçar o valor da colaboração destacando a sua importância para a concretização dos objectivos do estudo

BLOCO B – Concepção da Área de Projecto

Objectivos específicos:

1. Descrever a génese do programa da Área de Projecto (concepção, elaboração e aprovação).
2. Caracterizar os processos de tomada de decisão utilizados na elaboração e aprovação do programa da Área de Projecto.
3. Identificar os processos de liderança emergentes na concepção e elaboração do programa da Área de Projecto.
4. Identificar processos de concertação/negociação na definição de objectivos, selecção de actividades e utilização de recursos.

Tópicos orientadores e possíveis questões:

1. GÉNESE DAS ACTIVIDADES

Procurar saber:

- Formas de apropriação da Área de Projecto (acções de formação, estudo da legislação, contactos com outras escolas, etc);
- Origem e selecção das actividades da Área de Projecto.

2. PARTICIPAÇÃO

- Quem tomou parte nas decisões?
- Foram identificadas estruturas, canais e momentos para o processo de tomada de decisões?
- Que processos foram utilizados?

3. LIDERANÇA

- Quem liderou o processo?
- Qual foi o papel do Conselho Executivo/Conselho Pedagógico, dos Directores de Turma?
- Foi constituída uma equipa para liderar o processo?
- Como se chegou à conclusão de quem liderava o processo?

BLOCO B – Concepção da Área de Projecto

Tópicos orientadores e possíveis questões (continuação):

4. PROCESSOS DE CONCERTAÇÃO/NEGOCIAÇÃO

- Como se estabeleceu a articulação entre a identificação dos objectivos e a selecção das actividades e a utilização dos recursos?
- Em que se basearam as opções tomadas?
- Definiram-se previamente critérios?
- Surgiram conflitos? Se sim, entre quem? Como foram resolvidos?

BLOCO C – Execução do programa da Área de Projecto

Objectivos específicos:

1. Caracterizar as formas de desenvolvimento dos projectos da Área de Projecto.
2. Identificar os sujeitos das iniciativas e a sua participação.
3. Identificar os processos de institucionalização dos projectos.

Tópicos orientadores e possíveis questões:

1. EXECUÇÃO

Procurar informações sobre:

- Como se passou dos temas aos projectos?
- Que passos se deram até à aprovação e início dos projectos?

2. PARTICIPAÇÃO DA TOMADA DE DECISÕES

- Quem participou na execução dos projectos?
- Que órgãos (formais e informais) tiveram intervenção no processo?
- Qual o grau de adesão/participação dos actores escolares (alunos, professores, pais/encarregados de educação e outros elementos da comunidade)?
- Que estratégias foram desenvolvidas para envolver os pais/encarregados de educação e outros elementos da comunidade?

BLOCO C – Execução do programa da Área de Projecto

Tópicos orientadores e possíveis questões (continuação):

3. ACTIVIDADES / ESTRATÉGIAS / INOVAÇÕES

- Que actividade e estratégias foram desenvolvidas na execução dos projectos?
- Que aspectos “inovadores” foram utilizados?

4. DIFICULDADES / OBSTÁCULOS

- Quais as principais dificuldades encontradas na aprovação e execução dos projectos?
- Qual a sua natureza? Legal? Organizacional? Falta de recursos?
- Houve resistências à aprovação e realização dos projectos? Se sim, por parte de quem? Como as explica?
- Quais as dificuldades que conseguiram ultrapassar? Como?
- Que dificuldades não conseguiram ultrapassar? Porquê?

BLOCO D – Interpretação do processo

Objectivos específicos:

1. Identificar qual a lógica estrutural prevalecente dos projectos da Área de Projecto.
2. Averiguar as relações que existem entre o programa da Área de Projecto e os Projectos Educativo e Curricular do Agrupamento e os projectos Curriculares de Turma, numa perspectiva de gestão estratégica.
3. Identificar em que medida o clima existente nas actividades da Área de Projecto reflecte o clima da escola?

Tópicos orientadores e possíveis questões:

1. LÓGICA DE FUNCIONAMENTO DA ÁREA DE PROJECTO

- Que relações existem entre os projectos das diferentes turmas?
- Que modelo organizativo a escola adoptou? (**Nota:** Esta questão será melhor explicitada no decurso da entrevista)
- Foi tida em consideração a autonomia da escola? (**Nota:** Esta questão será melhor explicitada no decurso da entrevista)

BLOCO D – Interpretação do processo

Tópicos orientadores e possíveis questões (continuação):

2. LÓGICA DE FUNCIONAMENTO DA ÁREA DE PROJECTO

- Que relações existem entre os projectos das diferentes turmas?
- Que modelo organizativo a escola adoptou? (**Nota:** Esta questão será melhor explicitada no decurso da entrevista)
- Foi tida em consideração a autonomia da escola? (**Nota:** Esta questão será melhor explicitada no decurso da entrevista)

3. ARTICULAÇÃO COM OS PROJECTOS EDUCATIVO E CURRICULAR DA ESCOLA

- Qual a relação entre o programa da Área de Projecto e os Projectos Educativo e Curricular do Agrupamento e os Projectos Curriculares de Turma?
- O programa da Área de Projecto está integrado formalmente nos Projectos Educativo e Curricular do Agrupamento e nos Projectos Curriculares de Turma?
- Existe alguma relação de fundo entre eles?
- Essa relação está associada a uma estratégia global de escola? Ou de algum grupo? Se sim, com que objectivos?

4. RELAÇÃO COM O CLIMA DA ESCOLA

- Existe convergência ou divergência de perspectivas e objectivos dos professores, alunos, pais/encarregados de educação relativamente às actividades da Área de Projecto?
- A Área de Projecto contribuiu para dar coerência ao trabalho desenvolvido pelos professores, ou seja, existem ideias comuns ao corpo docente acerca da organização da Área de Projecto?
- Tendo em consideração a cooperação entre os professores, a relação professor-aluno, a relação aluno-aluno, a motivação e a satisfação no trabalho, como caracteriza o clima de escola?
- O clima existente na escola é propício às mudanças requeridas pela implementação da Área de Projecto?
- O clima existente nas actividades da Área de Projecto é idêntico ou diferente do clima geral da escola?
- Se é diferente, quais as diferenças?

QUESTÕES FINAIS

- Pensa que as actividades da Área de Projecto trazem vantagens reais para os alunos? E para a escola?
- Quer acrescentar alguma coisa sobre a Área de Projecto que não tenha sido abordada?
- Quer indicar o nome de outras pessoas que devem ser ouvidas no âmbito deste trabalho

AGRADECER A COLABORAÇÃO PRESTADA

GUIÃO DE ENTREVISTA AOS PAIS/ENCARREGADOS DE EDUCAÇÃO

TEMA

Participação na concepção e desenvolvimento dos projectos da Área de Projecto

OBJECTIVOS GERAIS

1. Caracterizar a participação institucional dos pais/encarregados de educação na escola.
2. Caracterizar o envolvimento dos pais/encarregados de educação nas actividades da Área de Projecto
3. Identificar as representações dos entrevistados sobre a organização da Área de Projecto e sobre o clima de escola.

ESTRUTURAÇÃO DAS ENTREVISTAS

A estruturação das entrevistas desenvolver-se-á em três blocos:

BLOCO A – Motivação e legitimação da entrevista

BLOCO B – Relações entre a Escola e os Pais/Encarregados de Educação

BLOCO C – Envolvimento dos Pais/Encarregados de Educação nas actividades da Área de Projecto

BLOCO D – Percepção dos Pais/Encarregados de Educação sobre o ambiente de trabalho nas actividades da Área de Projecto

RECOMENDAÇÕES GERAIS NA CONDUÇÃO DA ENTREVISTA

- Evitar condicionar o entrevistado.
- Explorar os aspectos que o entrevistado considere pertinentes.
- Esclarecer e aprofundar os conceitos dos entrevistados e os motivos e intenções das opções tomadas.
- Não restringir nem espartilhar os temas utilizando-os como tópicos de referência.

BLOCO A – Motivação e legitimação da entrevista

Objectivos específicos:

1. Esclarecer o entrevistado acerca das finalidades e objectivos do trabalho.
2. Garantir a confidencialidade.
3. Motivar o entrevistado.
4. Solicitar a colaboração.

Tópicos orientadores:

- Informar o entrevistado das finalidades do projecto de investigação.
- Salientar o carácter restrito e confidencial do uso das informações a recolher.
- Realçar o valor da colaboração destacando a sua importância para a concretização dos objectivos do estudo

BLOCO B – Relações entre a Escola e os Pais/Encarregados de Educação

Objectivos específicos:

1. Identificar as formas de participação dos Pais/Encarregados de Educação na vida da Escola.
2. Identificar estratégias desenvolvidas para envolver os pais/encarregados de educação na vida da escola.

Tópicos orientadores e possíveis questões:

Procurar saber:

- Quais as relações existentes entre a escola e os pais/encarregados de educação
- Qual o tipo de participação dos pais/encarregados de educação; em que participam e como participam.
- A participação dos pais/encarregados de educação trouxe vantagens/desvantagens? Quais? Porquê?
- Que medidas / estratégias deveriam ser tomadas para estabelecer uma participação mais desejável.

BLOCO C – Envolvimento dos pais/encarregados de educação nas actividades da Área de Projecto

Objectivos específicos:

1. Identificar eventuais formas de participação dos pais/encarregados de educação na concepção e desenvolvimento dos projectos da Área de Projecto.

Tópicos orientadores e possíveis questões:

Procurar saber:

- Se os pais/encarregados de educação participaram nas actividades da Área de Projecto
- Em que participaram e como participaram
- Que processos foram utilizados no desenvolvimento dessa participação
- Se a escola tem organizado actividades de informação e formação dos pais/encarregados de educação sobre a Área de Projecto
- Que dificuldades / obstáculos foram encontradas

BLOCO D – Percepção dos pais/encarregados de educação sobre as actividades da Área de Projecto

Objectivos específicos:

1. Obter informações dos entrevistados acerca da percepção do clima vivido nas actividades da Área de Projecto e na escola em geral

Tópicos orientadores e possíveis questões:

Procurar saber:

- Se o clima de trabalho vivido nas actividades da Área de Projecto é positivo
- Qual o clima da escola em geral
- Se é positiva ou negativa a atitude dos pais/encarregados de educação a respeito desta escola; porquê?

QUESTÕES FINAIS

- Acha que as actividades da Área de Projecto trazem vantagens reais para os alunos?
- Quer dizer mais alguma coisa sobre a participação dos pais/encarregados de educação ou sobre a Área de Projecto?
- Quer indicar o nome de outras pessoas que devam ser ouvidas?

AGRADECER A COLABORAÇÃO PRESTADA

Anexo J. Orientações gerais para a gestão da Área de Projecto

Objectivos	Estratégias /Actividades	Intervenientes	Avaliação
<p>Desenvolver competências sociais, tais como a comunicação, o trabalho em equipa, a gestão de conflitos, a tomada de decisões e a avaliação de processos</p> <p>Aprender a resolver problemas, partindo das situações e dos recursos existentes</p> <p>Promover a integração de saberes através da sua aplicação contextualizada</p> <p>Desenvolver as vertentes de pesquisa e intervenção, promovendo a articulação das diferentes áreas disciplinares / disciplinas</p> <p>Promover a utilização de tecnologias de informação e de comunicação.</p>	<p>Deverão ser utilizadas as seguintes abordagens metodológicas:</p> <p>Metodologia do Projecto Aprendizagem através de situações – problema Aprendizagem pela descoberta / Redescoberta Exploração de temas - assuntos</p> <p>Como actividades a desenvolver deverão ser propostas:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Actividades relacionadas com a exploração de situações educativas específicas: <p style="margin-left: 40px;">Biblioteca Escolar Clubes Colóquios</p> • Actividades destinadas a estimular a produção de uma obra: <p style="margin-left: 40px;">Feiras Exposições Jornal Escolar Correspondência e intercâmbio entre escolas Semanas Abertas</p> • Actividades de natureza lúdica ou destinadas ao convívio: <p style="margin-left: 40px;">Rádio da Escola Correspondência e intercâmbio entre escolas Torneios Desportivos Festas Organização de passeios Comemorações</p> • Actividades destinadas a prestar um serviço à comunidade: <p style="margin-left: 40px;">Participação em campanhas de carácter cívico Apoio a actividades da comunidade</p> 	<p>Alunos</p> <p>Professores</p> <p>Outros a definir</p>	<p>Avaliação contínua, participada e multidisciplinar</p> <p>Recurso a materiais produzidos e fichas de trabalho</p> <p>Avaliação (com <i>feedback</i>) de atitudes, valores, competências e saberes (nos domínios do empenhamento no desenvolvimento dos projectos, na capacidade em dar sugestões para a resolução de problemas, no domínio das técnicas e procedimentos)</p> <p>Expressa-se de forma descritiva, com atribuição de uma menção qualitativa.</p>

Anexo L. Reajustamento das orientações gerais para a gestão da Área de Projecto

Competências Gerais	Competências Específicas	Estratégias	Critérios de Avaliação
<ul style="list-style-type: none"> - Desenvolver projectos de natureza interdisciplinar. - Promover a reflexão sobre valores e atitudes na perspectiva de construção de um cidadão responsável. - Dar ao aluno a oportunidade de desempenhar um papel activo no currículo. - Incentivar o aluno à criatividade. - Valorizar o envolvimento da comunidade no meio escolar. - Estimular a autonomia. - Desenvolver o sentido de apreciação estética. 	<ul style="list-style-type: none"> - Integrar diferentes saberes para a construção do conhecimento. - Valorizar toda a participação dos alunos. - Incentivar o aluno a construir o seu próprio conhecimento a partir da pesquisa, com a ajuda de diversos suportes informativos. - Integrar no currículo saberes locais e regionais. - Valorizar a realização de iniciativas individuais e colectivas de interesse cívico ou social. - Desenvolver atitudes e hábitos de trabalho autónomo. 	<p style="text-align: center;"><u>Planificação do projecto:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - Identificação do problema através da observação, de inquéritos e de situações vividas. - Análise do problema (análise dos dados recolhidos). - Procura de soluções (através de diálogo, debate, define-se uma solução possível). - Planeamento da solução. - Realização (colocar em prática o plano). - Avaliação. <p style="text-align: center;"><u>Aprendizagens:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - Planifica/organiza e investiga. - Partilha saberes e vivências. - Descobre que o saber é uma interligação de saberes. - Percepciona que existe um raciocínio lógico para chegar ao produto final. - Aprende a cooperar. - Comunica oralmente e por escrito. - Avalia-se a si próprio, aos outros e o produto final. 	<ul style="list-style-type: none"> - Empenho. - Criatividade. - Autonomia. - Respeito. - Organização. - Espírito de iniciativa - Capacidade de investigação. - Capacidade de expressão. - Persistência. - Assiduidade. - Capacidade de avaliação.

Anexo M. Protocolos das entrevistas

- Coordenador de Ano**
- Coordenador dos Directores de Turma**
- Professores**
- Pais / Encarregados de Educação**
- Alunos**

PROTOCOLO DA ENTREVISTA - COORDENADOR DE ANO

Nome: Dália

Professora do Quadro Nomeação Definitiva do 6º Grupo (2º Ciclo)

Local: Sala de reuniões do Conselho Executivo

Data: 13 de Novembro de 2002

Entrevistador: Fernando Elias

A entrevista iniciou-se com a apresentação dos objectivos do projecto de investigação, legitimação da entrevista e motivação da entrevistada.

Passou-se de seguida à formulação das seguintes questões:

Q-Gostava que falasse um pouco sobre as formas de apropriação da Área de Projecto pelos actores escolares, como por exemplo, acções de formação, estudo da legislação, contactos com outras escolas, etc.

R-Numa primeira fase, nós partimos da análise e reflexão de documentos que foram enviados pelo DEB, documentos que apresentavam as finalidades do projecto da gestão flexível do currículo. Fomos falando também, alguns professores que estavam envolvidos com o projecto, a nível informal, com professores que estavam envolvidos nos projectos de outras escolas, mais ou menos. E também alguns de nós falámos com alunos tentando saber que tipo de actividades é que eles desenvolviam, como é que a escola estava organizada. Além dessas situações, também houve algumas, poucas, acções de formação. Eu lembro-me, eu por acaso não estive em nenhuma delas, mas colegas meus do primeiro em que nós entramos no projecto da gestão flexível, tiveram uma acção de formação promovida por uma editora que eu já não me lembro o nome, em que iriam falar, iam debater questões relacionadas com as novas áreas curriculares. O que é nós fizemos mais? Internamente tivemos também acções de formação dadas mesmo pelo Presidente do Conselho Executivo da escola. Eram acções, uma acção que era tipo curso de estudos ou círculo de estudos que tinha a duração de vinte e cinco horas, em que nos foi apresentada a filosofia, o que se pretendia com esta nova forma de alterar o currículo, a nova forma de trabalhar o currículo, em que houve também sessões de reflexão sobre determinados textos. Também falámos sobre a filosofia do projecto. Foi uma acção verdadeiramente bastante interessante. Aliás, nessa acção houve também oportunidade de haver reflexão-partilha de experiências que os professores estavam a viver no dia a dia do projecto.

O que é que houve mais? Se eu me lembro. Ah, houve também uma acção muito importante, só que essa acção foi promovida pelo DEB em que foram convidados dois professores representantes de cada escola. Uma acção que durou dois dias e que se realizou no Luso e foi uma acção constou de abordar o tema o que era o currículo, projecto curricular de turma, as competências que estavam definidas para o Português e a Matemática e também falámos, falar um pouco sobre as Nac's. Em cada sessão havia um professor que iria desenvolver, desenvolveu a área do estudo acompanhado, outro a área do projecto e outro a formação cívica. Foi uma acção muito importante e que trouxe muitos, alguns saberes para estes dois professores que depois puderam aplicar no dia a dia, a nível de reuniões que se ia tendo semanalmente com os colegas, puderam aplicar algumas dessas aprendizagens que fizeram na acção. Penso que ainda tivemos mais, agora neste momento não me estou a lembrar.

Q-Como é que foram dados os primeiros passos na elaboração de um esboço do programa da Área de Projecto?

R-Nós para compreendermos o que é que seria esta nova Área de Projecto, tentámos relacioná-la numa primeira fase com uma sequência da Área-Escola, uma vez que tínhamos conhecimento que já o guia da reforma dizia que iria haver uma segunda fase da Área-Escola. Portanto a Área-Escola tinha sido desenvolvida em muitas escolas e com bastante envolvimento dos professores e dos alunos, em algumas delas, e então partimos das actividades que já se desenvolviam nesse tempo, partimos para desenvolver essas actividades dentro desta nova área, a Área de Projecto, que eram actividades em que se desenvolvia um trabalho de grupo, em que o grupo propunha o tema em que ia trabalhar, embora nós soubéssemos que esta área teria uma estrutura completamente diferente da Área-Escola, uma vez que Área-Escola era desenvolvida nas disciplinas, não tinha um tempo próprio, portanto existem algumas diferenças, e bastante profundas. Só que partimos dessa base, porque nós temos que ter algumas referências e as nossas referências de trabalho estavam de acordo com essas práticas. Depois o que nós fizemos foi pensar em que tipo de actividades é que iríamos envolver os alunos. e também pensámos que essas actividades deveriam ser propostas de acordo com os interesses e as necessidades dos alunos.

Q-Como é que fizeram para coordenar e liderar esse processo?

R-Nós reuníamos semanalmente e nessas reuniões o Director de Turma orientava todo o processo, o par pedagógico apresentava as ideias que trazia das reuniões com os alunos nas aulas com os alunos e apresentava as ideias que os alunos lhes tinham transmitido e então quem tomava, no fundo, as decisões que tipo de actividades iam ser feitas era o par pedagógico, o director de turma participava e os professores também participavam dando a sua opinião.

Q-Que trabalho de coordenação e de debate de ideias foi sendo desenvolvido nessa fase, a nível do Conselho Pedagógico e dos Directores de Turma?

R-Na questão da turma em si tínhamos o director de turma, o par pedagógico e os professores e depois a nível da escola, houve outras estruturas, uma vez que estes projectos eram passados para planos, os planos eram levados, havia um contacto também entre a coordenadora com o presidente do CE que apresentava semanalmente um relato de tudo o que era desenvolvido nessas reuniões para dar a conhecer aquilo que se ia planeando e as decisões tomadas pelo CT. Por sua vez também havia tempos em que eram apresentados esses planos no CP que também dava o seu parecer, se concordava, se não concordava. Muitas vezes era mais ouvinte, o CP, porque toda a acção desenvolvia-se nos CT.

Q-Como foi sendo liderado esta fase?

R-Na fase inicial da Área de Projecto, os líderes podemos considerar poderiam ser o coordenador do projecto. Portanto, tinha já feito uma preparação para esta nova mudança da forma como se trabalhava o currículo, tinha feito já bastantes leituras, já tinha dialogado bastante com até com membros da equipa que esteve na génese do projecto, da elaboração do projecto e que nas reuniões tentava sensibilizar os professores e todos os CT para o que é que era necessário mudar. Juntamente com o Coordenador tínhamos os pares pedagógicos, faziam um trabalho também muito válido neste sentido porque eles reuniam a nível informal, não tinham reuniões marcadas e planeavam o seu trabalho. Portanto, eles também eram os maiores, se calhar os principais líderes.

Q-Qual foi o papel do Conselho Executivo nesta fase?

R-O CE teve um papel muito forte em todo o processo, porque partiu do CE a proposta desta escola de aderir a este projecto da gestão flexível do currículo, portanto porque tinha de partir de alguma estrutura, de alguma pessoa e partindo do CE, ao apresentar esta

proposta, formou uma equipa que fez a análise de um pré-projecto, de um pré-plano apresentado pela mesma equipa, especialmente na pessoa do presidente do CE. Essa equipa analisou, achou bem o projecto, depois essa proposta foi levada ao CP que também ouviu, analisou o projecto e aprovou essa decisão. A nível dos professores da escola, alguns professores que eram professores efectivos, alguns também estavam de acordo, não quer dizer que estivessem todos, mas alguns estavam de acordo e acharam que ia ser uma boa experiência para a escola. Os DT, e agora falando em relação à liderança, porque a maior parte dos DT nessa altura antes de avançar com o projecto não tinham ainda bem a consciência do que é que se iria passar, eles durante a fase de implementação orientaram sempre e geriram os projectos.

Q-Como se chegou à conclusão de quem liderava o processo?

R-A nível da concepção do projecto partiu do Conselho Executivo. O Presidente do CE fez uma reunião geral em que faz uma abordagem a este novo projecto de gestão flexível e fala concretamente da AP, que tipo de actividades podem ser desenvolvidas na AP e até faz sugestões que foram elucidativas sobre o que poderíamos, por exemplo, trabalhar partindo de um tema, dum tema ou problema da escola, uma vez eu já se tinha identificado no PE quais eram os problemas da população escolar e partindo dessa identificação de problemas, foi possível identificar alguns temas que poderiam servir de motivação mesmo para os professores ter uma ideia como poderiam trabalhar com os alunos e isso foi muito importante. Isto em relação ao CE.

A nível do CP, funcionou a nível das reuniões mesmo gerais, havia apenas uma análise das propostas que vinham do CE e dos CT. Depois como o CP funciona em comissões especializadas, havia uma comissão que, na altura, teve que analisar esses tais planos. No fundo, o CP funcionou como? Reflectiu, analisou e aprovou, deu o seu parecer se concordava ou não concordava com aqueles planos.

Q-Foi constituída uma equipa para preparar a fase inicial do processo?

R-No início foi constituída essa equipa, a equipa que elaborou o projecto, ou que elaborou ou que apoiou essa elaboração. No fundo quem elabora o projecto foi uma pessoa tendo em conta as ideias dos vários professores da escola. No início eu disse que esta equipa tinha sido organizada mas depois a principal, a primeira equipa não continuou com esta, a desenvolver ou acompanhar o processo porque eu penso que no início foi preciso arranjar, isto é a minha opinião, arranjar uma equipa com quatro pessoas que eram pessoas que eram efectivas na escola e que sabia-se à partida que no ano seguinte eles iriam continuar, portanto tinham de ser pessoas que soubessem como é que a escola funcionava e que houvesse a garantia que eles continuariam na escola, só que depois com o decorrer do tempo algumas pessoas talvez não se envolveram tanto no acompanhamento do projecto e criou-se no fundo outra equipa, uma equipa mais informal, continuava a ser a equipa formada pelo Coordenador da Gestão Flexível mais alguns pares pedagógicos das áreas curriculares e disciplinares.

Q-Quem liderou o processo?

R- Eu acho que nesta fase de concepção quem liderava era o CE, mais na pessoa do presidente do CE, mas pronto, no todo, e a coordenadora do projecto, eu penso que eram os dois elementos que estavam, que depois, como é que eu hei-de dizer, está a falar em liderança não pode haver alguns dez líderes ou até pode haver dez líderes, mas no fundo eu penso que foram as pessoas que acompanharam e iam propondo as várias fases do processo, embora depois sempre com o apoio de todas as estruturas. Estou a falar, por exemplo, em departamentos e havia situações em que eram debatidas, pelo menos no departamento a que eu pertencia, eram dialogada, eram apresentadas ideias, “o que é que é isto deste projecto?”, “o que é que se faz neste projecto?” “se tem validade? Se não tem

validade?” porque na altura em que nós demos o arranque não tínhamos ainda orientações específicas para as disciplinas tínhamos ainda o programa e tínhamos programas muito extensos e os professores não compreendiam como é que iam flexibilizar o currículo tendo um programa tão extenso. Então eram questões que eram debatidas, por exemplo, as pessoas diziam que não achavam bem esta nova estrutura porque se funcionávamos com documentos antigos, tínhamos de continuar com o processo antigo e foi interessante esse tipo de debates nos departamentos, que funcionaram, também em certos aspectos, para a eficácia.

Q-Como se estabeleceu a articulação entre a identificação dos objectivos e a selecção das actividades e a utilização dos recursos?

R- Foi através de uma análise, nós sabíamos o que é que queremos fazer, que tipo de actividades é que vão ser as melhores para se chegar a essas metas, a esses objectivos e com que é que vamos trabalhar. Partindo de uma análise, destas três componentes, tentámos programar, fazer um plano de trabalho.

Q-Gostava de saber se o programa da Área de Projecto está integrado formalmente nos Projectos Educativo e Curricular do Agrupamento e nos Projectos Curriculares de Turma, se existe alguma relação de fundo entre eles?

R-Sim, eu penso que existe uma relação formal entre o programa da Área de Projecto e os Projectos Educativo e Curricular do Agrupamento e os Projectos Curriculares de Turma. Houve essa preocupação em articular estes documentos. Não se fizeram as coisas pela lógica administrativa, burocrática. Esta planificação foi sendo feita, organizada num todo colectivo. O Conselho Executivo começou por esboçar um modelo de Projecto Curricular de Escola, partindo do nosso Projecto Educativo. Depois, várias estruturas intermédias de gestão foram trabalhando, reflectindo esse documento, para torná-lo operativo, prático, o mais útil possível. O Conselho Pedagógico também participou no debate e no reajustamento dos documentos. As finalidades e orientações gerais para a Área de Projecto foram sempre integradas nestes documentos, quer o Projecto Curricular quer os Projectos Curriculares de Turma. Houve a preocupação de não tornar todos estes instrumentos de trabalho desligados uns dos outros.

Q-Existe convergência ou divergência de perspectivas e objectivos dos professores, alunos, pais/encarregados de educação relativamente às actividades da Área de Projecto?

R- Eu penso que aqui, se surgiram divergências elas não vão assim muito além, se calhar, numa expressão assim muito... as pessoas que não concordam com a forma como se trabalha a área de projecto não se exprimem assim muito activamente, dizem que não concordam, está mais no interior delas, por vezes com algumas atitudes percebemos, se calhar, determinadas pessoas nem concordam muito com a área de projecto ou que acham que a área de projecto não vem alterar em nada o sucesso dos alunos, mas não é explícito, as pessoas não dizem declaradamente que não concordam ou que são divergentes a esta situação.

Q-A Área de Projecto contribuiu para dar coerência ao trabalho desenvolvido pelos professores, ou seja, existem ideias comuns ao corpo docente acerca da organização da Área de Projecto?

R- Talvez numa primeira fase e porque contactei com alguns professores, e agora estou já a falar da actualidade, senti que os professores andavam um bocadinho «perdidos», porque esta escola tem uma certa mobilidade de professores e há professores que vêm de novo. Embora estes professores tivessem estado em reuniões de conselho de turma e reuniões de departamento, uma coisa é eles estarem a ouvir que existem determinados documentos e outros suportes teóricos arquivados na escola, que eles devem ter contacto com eles, que se

fizeram determinadas experiências na escola; outra coisa, é a realidade diária, a necessidade de se adaptarem, de se integrarem na esquema de funcionamento da escola. É muito cedo logo no primeiro período, na primeira fase do primeiro período, eles ficam conhecedores de tudo o que se passou, muitas vezes sentem dificuldade em arrancar, ou porque não tiveram prática de trabalhar nesta área, então torna-se difícil para eles, e têm que ser os outros professores, os que já estão na escola há mais tempo, é que lhes têm que ir dando algumas dicas dizendo “olha vais tentar fazer desta forma porque vais conseguir informação e muitas vezes explicam-se como é que as coisas se vão desencadear” e depois, eu penso que a escola, neste aspecto, dá um apoio muito grande a estes professores que são novos. Logo no início do ano, o Conselho Executivo fez uma reunião geral em que distribuiu a cada professor uma brochura e penso que a partir dessa brochura os professores ficam com uma ideia, uma ideia mais abrangente de como é que a escola funciona. Depois foram feitas algumas, não muitas, mas algumas reuniões em que se promoveu o debate, a reflexão e esses professores tiveram a oportunidade de mostrar onde é que tinham as suas dúvidas e as suas necessidades.

Q-Tendo em consideração a cooperação entre os professores, a relação professor-aluno, a relação aluno-aluno, a motivação e a satisfação no trabalho, como caracteriza o clima de escola?

R- A nível do clima? Eu já pensei várias vezes sobre como é que eu podia conceituar o clima e tenho algumas dificuldades. Eu penso que o clima até é assim de alguma abertura, em relação aos professores, os professores que vêm todos os anos, e especialmente este ano, penso que os professores estão assim só abertos, têm as suas próprias opiniões, não têm problemas em expressar as suas opiniões, mas são professores que desenvolvem e que trabalham, penso que não há, pelo que percebi não há professores que estejam a tentar bloquear qualquer tipo de situação.

Q-O clima existente na escola é propício às mudanças requeridas pela implementação da Área de Projecto?

R- Eu penso que sim. Tudo indica, até agora, que o clima será favorável, aliás, até agora, até à implementação do projecto, o clima, por vezes podia haver divergências, mas o clima no fundo era um clima aberto, de discussão, de debate e de aceitação de algumas situações e por isso há sempre a oportunidade para implementar a mudança, num clima deste tipo.

Q-O clima existente nas actividades da Área de Projecto é idêntico ou diferente do clima geral da escola?

R- Isso aí não te poderei dizer assim, se eu me tentar lembrar do que foi há dois anos, poderia dizer que às vezes sente-se alguma separação, ou seja, os professores que estão mais envolvidos com a área de projecto continuam a estar sempre envolvidos e não há necessariamente uma separação de outros professores que não estão directamente envolvidos com a área de projecto. Penso que não há grande diferença, acho que os professores estão disponíveis para debater, para reflectir determinadas propostas, penso que o clima é muito semelhante em relação à área de projecto.

Vou tentar identificar isso porque muitas vezes não tenho contacto com tantos professores, mas em situações de reunião se os professores estão presentes e que tipo de situação é que têm.

Q-Pensa que as actividades da Área de Projecto trazem vantagens reais para os alunos? E para a escola?

R- Eu acho que trazem muitas vantagens. Aliás se nós próprios, professores, eu não fui professora de área de projecto, nunca fui ainda, mas tenho notado nos alunos que eles têm tido um certo progresso, porque na minha disciplina desenvolvo, por exemplo, um trabalho de grupo, pesquisa, análise e sinto que eles melhoraram e têm melhorado, há quatro anos

para aqui, têm melhorado um pouco a sua actuação. Muitos deles são mais autónomos, muitas vezes quando se pede vamos fazer um trabalho, vamos programar a actividade que vamos desenvolver daqui a três dias ou três semanas, eles já compreendem como é que isso se pode fazer na realidade já conseguem, mesmo a nível de registo, já têm uma ideia de como isso se pode fazer, já têm uma certa prática, alguns deles também se nota que têm uma certa autonomia, alguns que isso não se consegue totalmente, mas nalguns alunos já se nota, já participam mais, já dão mais ideias e até aqui, se calhar por vezes, era difícil conseguir isso da parte dos alunos. Em relação à escola? A escola torna-se mais dinâmica e depois dá uma imagem de uma escola que reflecte as questões, que não impõe nada, tudo o que se consegue é através da análise, da partilha, eu penso que isso é um benefício para a escola.

Q-Quer acrescentar alguma coisa sobre a Área de Projecto que não tenha sido abordada?

R- Eu acho que ainda há algo mais para falar, sobretudo sobre a área de projecto. Tem a ver depois com a avaliação, é qualquer coisa que no fundo está sempre a ligar-nos àquilo que se faz, mas acho que é importante pensar, a nível de avaliação, como é que a avaliação desta área, ou como é que nós vamos detectar, no fundo nós detectamos que há esta evolução dos alunos, mas como é que isso se vai traduzir no sucesso, digo mais a nível das classificações que eles têm. O sucesso vai-se sempre notar, porque o aluno está um bocadinho melhor, mas a nível das classificações eu penso que há assim uma certa ruptura, porque trabalha-se a área e projecto, tudo bem, e eles avaliam, mas depois quando o professor tem que atribuir uma nota na disciplina de que forma é que a área de projecto vai contribuir para a classificação, para ter alguma interferência na classificação global? Acho que isso ainda é um tema que não está assim muito debatido, achamos que não tem grande interesse ou que não tem grande importância mas acho que há algo que se devia reflectir.

Eu acho que os professores deveriam continuar a tentar abordar nas suas reuniões esse tema, fazerem mais estudos e verem até que ponto é que as aprendizagens que os alunos fazem na área de projecto vão ser visíveis nas disciplinas, mas para isso tem que haver, em certo ponto, uma certa uniformidade na metodologia da forma de ensinar. Uma coisa é estar a trabalhar a área de projecto, agora as actividades que as disciplinas desenvolvem têm que convergir nesses sentido, talvez nesse sentido. Por exemplo, nas outras disciplinas se adoptarem as mesmas estratégias se calhar na área de projecto, para haver ali um cruzamento, por exemplo, se eles na área de projecto têm determinadas estratégias para desenvolverem o tema ou desenvolverem a sua aprendizagem, então nas disciplinas, para que isso seja visível, se calhar têm que se adoptar determinadas estratégias que se adoptam. Trabalharemos com a descoberta, acho que é complexo, ainda não descobri como é que podemos fazer essa situação da avaliação. O que eu noto é que ainda não há a prática de se fazer uma avaliação sistemática. A avaliação existe, mas como são muitos alunos na turma, eu penso que o professor não tem hipótese de estar sistematicamente a registar toda a informação do aluno e muitas vezes o que acontece é que se vai depois avaliar através de testes, que é mais concreto. Se houvesse uma avaliação sistemática, ... penso que ainda não chegámos a esse ponto, estamos a dar alguns passos. É um ponto de partida mas agora temos é que trazer essas experiências, tentar cruzar essas experiências com o que se faz nas disciplinas, porque senão, há o perigo de se continuar nas disciplinas a trabalhar como se trabalhou até agora e não fazemos a relação necessária com aquilo que eles estão aprender, porque eles depois, os alunos vão dizendo - eles fazem muitos comentários - nalgumas situações dizem, por exemplo, que têm uma prática nas disciplinas e nesta área já têm uma prática diferente, têm mais liberdade, e alguns alunos dizem "ah isto é uma seca" terem estudo acompanhado. Muitas vezes, ou estudo acompanhado ou área de projecto, muitas

vezes quase que eles sentem que estas áreas não são assim tão importantes, porque no fundo é o que eles estão a trabalhar nas suas disciplinas.

Q-Quer concretizar melhor essa ideia?

Eu, agora não posso afirmar que é assim nas outras aulas, porque eu não estou lá, mas vou-me apercebendo. Eu penso que os alunos têm que à partida terem uma espécie de roteiro, saberem, por exemplo, pode não saber tudo, também não é possível saber tudo, há sempre alterações, mas terem uma noção do que é que vão trabalhar, do que é que se pretende nesta área, do que é que se pretende que eles aprendam. Muitas vezes nós partimos para a acção e nem o próprio sabe, não sabem o que à partida o que é que poderá ser feito. Tem que haver uma intenção, pelo menos. E é assim, que eles andam, muitas vezes os pais não sabem o que é que se está a fazer. É preciso analisar esta situação, como é que podemos alterar este modelo.

Q-Quer indicar o nome de outras pessoas que devem ser ouvidas no âmbito deste trabalho

R- Das que estão ainda na escola? Há uma professora que sempre acompanhou todo este processo, que é a professora -----, aliás ela já foi vários anos professora da área de projecto, já foi Directora de Turma, acho que deve ter, tem, de certeza absoluta, algum contributo a dar em relação a esta matéria. Professores que eu conheço, a professora ----- de Matemática, a Coordenadora dos Directores de Turma, que também iniciou o processo. Penso que seria interessante ouvir a opinião da professora -----, porque também pertence a este grupo. Agora professores que estejam a acompanhar este processo, sei lá, pode haver opiniões diversas, talvez não sei... agora dos professores que estão cá só temos a professora -----, por exemplo, como é que ela vê o trabalho que vai desenvolver, penso que também poderia ser uma opinião muito importante. Também escolhia alguns outros professores, por exemplo, a professora -----, a professora ----- . Eu poderia dizer nomes de professores que já estiveram cá, mas porque já não estão cá é difícil contactá-los, foram muito activos em todo o processo e especialmente professores de educação visual que deram maior contributo, porque era assim esses professores já tinham ideia de como trabalhar o projecto, aliás os professores de EVT, na génese da disciplina já têm lá a metodologia de trabalho. Então no arranque do projecto, eu à bocadito esqueci-me de dizer, mas eles alguns professores de educação visual e tecnológica tinham ideias muito concretas, como é que podiam trabalhar com os alunos a Área de Projecto, porque é como eles habitualmente faziam, era a professora -----, especialmente ela, quem desenvolveu vários projectos, e até foi das professoras que trabalhava extra, ela gostava que depois os alunos apresentassem o produto, aliás, a revista "Abelhices" ela ajudou muito.

Quero agradecer-lhe a sua preciosa colaboração.

Muito obrigado.

PROTOCOLO DA ENTREVISTA – COORDENADOR DOS DIRECTORES DE TURMA

Nome: Sandrina

Professora do Quadro Nomeação Definitiva do 3º Grupo (2º Ciclo)

Local: Sala de reuniões do Conselho Executivo

Data: 10 de Fevereiro de 2003

Entrevistador: Fernando Elias

A entrevista iniciou-se com a apresentação dos objectivos do projecto de investigação, legitimação da entrevista e motivação da entrevistada.

Passou-se de seguida à formulação das seguintes questões:

Q-Gostava de saber como é que deram os primeiros passos no âmbito da apropriação da Área de Projecto?

R-Pronto, o meu primeiro contacto com a Área de Projecto foi mesmo nesta Escola. Nunca tinha tido nenhum contacto e, tive uma preocupação inicial muito grande por total desconhecimento e procurei inteirar-me de tudo o que tinha sido feito na escola e que constava de dossiês para consulta no âmbito da Gestão Flexível, nomeadamente Área de Projecto. Frequentei algumas acções de formação, não no âmbito da Área de Projecto, mas na Gestão Flexível que obviamente tocavam e abordavam a Área de Projecto, que as considerei bastante teóricas porque acho que exemplos práticos e experiências são muito mais produtivas para a aprendizagem pessoal e profissional. Em termos da escola, no decorrer dos anos que eu cá estive, tive formação por parte do Presidente da escola, que promoveu acções de formação específicas e acreditadas pelo Centro de Formação, e ainda encontros formais e informais para discutirmos e abordarmos algumas dificuldades no âmbito da Área de Projecto. Em termos de leis, enquadrei-me nas que havia e procurei também ler. Mas eu penso que a nível prático é tudo muito mais facilitado, a prática, as experiências e a formação prática, em particular aquela que o Presidente da escola também nos deu, que eu acho que foi muito importante. Pronto foram esses os meus primeiros contactos.

Q-Quando começaram a esboçar o programa da Área de Projecto, como fizeram para seleccionar as actividades?

Portanto, para seleccionar actividades da Área de Projecto, e diz-me a experiência, deverão ser sempre ouvidos os alunos, apesar do primeiro documento que devemos consultar seja o Projecto Educativo do Agrupamento e o Projecto Curricular do Agrupamento. Depois para a selecção das actividades, uma vez que a Área de Projecto incide em objectivos muito específicos, devem ser ouvidos os alunos. Os alunos sugerem-nos algumas actividades que nós depois em Conselho de Turma fomos escolher ou adequar essas actividades às competências em défice que já foram auscultadas e a ponte para o Projecto Curricular de Turma.

Q-Quem tomou parte nas decisões?

R- Foram os alunos e o Conselho de Turma. Em termos mais práticos penso que o par pedagógico. Na minha experiência temos tido uma participação importante.

Q-Foram identificadas estruturas, canais e momentos para o processo de tomada de decisões?

R- Sim, sim foram..

Q-Que processos foram utilizados?

R- Foram as reuniões de coordenação pedagógica que são fundamentais e que são realizadas semanalmente na escola. A troca de informação informal, acho que este ano está a resultar muito bem, e da minha experiência, as conversas, os diálogos, as nossas dúvidas, no bar da escola, na sala de professores, tudo isso faz com que consigamos, manter e utilizar mais ou menos os mesmos processos e não andarmos muito longe dos objectivos que a Área de Projecto nos propõe.

Q-Quem liderou o processo?

R- Numa área como a Área de Projecto, não há líderes, apesar de acreditar que o Director de Turma tem um papel preponderante na dinamização do processo. Penso também que existe um papel fundamental que vem, que deverá vir das estruturas intermédias e das linhas orientadoras que a própria escola dá para nós podermos trabalhar, porque sem elas, se calhar cada um estava a trabalhar a Área de Projecto à sua maneira e não havia coesão nas coisas que se vão fazendo. Portanto, eu penso que em termos de hierarquia é a escola, que lidera todo o processo educativo, no qual se enquadra a Área de Projecto, as estruturas intermédias, os departamentos também têm, o seu papel, e depois o Director de Turma que vai gerir, e que vai puxar a si o Conselho de Turma, porque é um trabalho cooperativo e sem haver equipa, trabalho de equipa, também não se consegue nada. O trabalho do Director de Turma tornou-se assim, mais exigente na gestão do currículo e dos professores. Há que gerir o projecto curricular de turma, as Nac's, a articulação entre as disciplinas. Portanto, nesse aspecto acho que há esses líderes, por outro lado sou muito a favor do trabalho de equipa e que o Conselho de Turma trabalhe todo em equipa.

Q-Qual foi o papel do Conselho Executivo/Conselho Pedagógico, dos Directores de Turma?

R- Eu penso que em termos de Conselho Executivo, para além das linhas orientadoras que eu já falei, que foram definidas, também se verificou a definição de uma orientação educativa, com balizas, que se encontram no Projecto Educativo da Escola e no Projecto Curricular da Escola, no nosso caso, do Agrupamento. Também deve houve a tal promoção dos encontros formais ou informais, por parte do Conselho Executivo, e que eu sinceramente acho que se devem manter, e a formação adequada, que também foi e continua a ser uma preocupação deste Conselho Executivo. Acho que o Presidente do Conselho Executivo tem todo o mérito nesse aspecto, pelo trabalho de preparação e formação dos professores da nossa escola que tem desenvolvido. O Conselho Executivo também tem sido importante pela coadjuvação na concretização dos projectos, eu falo aqui em termos de disponibilização verbas, e também em termos de produto final, quando os houve.

Em termos de estruturas intermédias, é óbvio que têm tido um papel importante em termos da aprovação de propostas que têm vindo dos Conselhos de Turma e até do Conselho de Directores de Turma relativas ao Projecto Curricular de Turma e nomeadamente à Área de Projecto. Acho que também houve uma preocupação, por parte do Conselho Executivo, em formar equipas especializadas, que de alguma forma vieram acelerar, se calhar, certos procedimentos que noutra altura, noutras alturas eram feitos, se calhar, um bocado pelos Directores de Turma, e não sabíamos muito bem como interagir uns com os outros. Acho que as equipas especializadas também tiveram um papel preponderante e, os Directores de Turma, tiveram e têm um papel dinamizador, um papel que articula tudo o que vem destas estruturas e que é passado depois para o Conselho de Turma para que este possa trabalhar como deve de ser.

Q-Como se chegou à conclusão de quem liderava o processo?

R- Pois, é um problema porque é a tal coisa, eu não, não, as lideranças para mim, líder, líder, acho que é o Presidente desta Escola, pronto, acho que esse é o líder, dado os conhecimentos que tem sobre esta área, e que nos tem transmitido muita segurança quando nós temos dúvidas. Nós sabemos sempre a quem podemos recorrer. Em termos de liderar o processo falaria nas equipas especializadas, que o Conselho Executivo formou e que integravam os directores de turma que já tinham trabalhado no ano anterior na nossa escola ou até, nos dois, três anos lectivos anteriores e que tinham recebido toda aquela formação ministrada pelo Presidente do Conselho Executivo e que tinham já reflectido em conjunto, trocado experiências. Acho que houve, no início, uma preocupação muito importante em criar equipas que se preocuparam com a calendarização do Projecto Curricular de Turma, e nomeadamente com a elaboração de uma planificação da Área de Projecto. Esta construção de orientações foi muito importante para apoiar o trabalho a desenvolver. Estas equipas, trabalhando de modo colaborativo, tentaram encontrar também soluções para algumas dificuldades pontuais que se vinham a notar ao longo dos anos anteriores, elaboraram fichas de registo de auto e hetero-avaliação. Eu acho que essas equipas também foram muito importantes em termos de liderança nesta parte do processo, reflectindo e apresentando soluções. Por isso é que eu continuo a defender que o trabalho partilhado.

Q-Como se estabeleceu a articulação entre a identificação dos objectivos e a selecção das actividades e a utilização dos recursos?

R- É um bocado esquisito eu dizer isto, mas se calhar é verdade, talvez, não sei, devido ao cargo que ocupo neste momento, eu pessoalmente preocupei-me muito com o que vem de trás, com o Projecto Educativo do Agrupamento e o Projecto Curricular do Agrupamento. Se calhar, noutras alturas, preocupei-me mais só com o Projecto Curricular do Agrupamento e depois passar para o Projecto Curricular de Turma, e acho que nós temos de ver o que é que está escrito, quais são os objectivos, o que é que a escola pretende dos seus alunos e da comunidade educativa no geral, e a planificação em termos de Projecto Curricular de Turma penso que tem de ser sempre, de acordo com estes dois projectos maiores. É uma planificação que deve ser sempre feita em conjunto com todas as disciplinas. Acho que não deve haver a ideia de que a área de projecto é a mesma coisa que a área escola, isso está completamente errado, acho que deve haver uma interdisciplinaridade e devem ser programadas actividades em conjunto, ou seja, onde a área de projecto tenha reflexo nas disciplinas, e todas as disciplinas e vice-versa. Por isso, procurámos articular e qualificar talvez de uma forma mais coerente em relação até ao perfil do aluno para o final de ciclo. Tivemos essa preocupação.

Q-Em que se basearam as opções tomadas?

R- Nas competências em défice que tínhamos, que emergiram da turma. Também nas linhas orientadoras que partiram do Projecto Educativo da Escola, do Projecto do Agrupamento. Também algumas opções tiveram por base alguma leitura que foi sendo feita e que nos foi sendo também entregue e facultada pelo Conselho Executivo, que foi produzindo documentos para reflexão e análise e adquiriu uma vasta bibliografia para a biblioteca da escola. Eu acho que evoluímos muito, eu pelo menos sinto que, este ano, a articulação está a ser feita como deve ser.

Q-Definiram-se previamente critérios?

R- Foram, que estão no Projecto Curricular do Agrupamento.

Q-Surgiram conflitos? Se sim, entre quem? Como foram resolvidos?

R- Pessoalmente os conflitos que existiram em termos daquilo que eu posso, que eu pude averiguar e em termos de experiência própria, como Directora de Turma, não foram conflitos. Houve algumas confusões em termos de articulação, da articulação dos

conteúdos, pronto, onde é que a minha disciplina pode entrar para colmatar esta competência que está em défice, onde é que a Área de Projecto pode ir também tentar resolver, este problema, o x ou o y. Aí nessa articulação acho que houve alguma confusão não posso chamar conflitos, posso chamar-lhe confusão e acho que foram sendo dissipadas essas confusões em conversas formais e informais que continuam a existir cá na escola, e que devem continuar.

Q-Como se passou dos temas aos projectos?

R- Portanto, primeiro há que respeitar um bocado o tema geral da escola que constava do Projecto Educativo da Escola e que foi definido em função do tipo de população escolar que temos, e a partir daí, uma vez que no Projecto Curricular do Agrupamento também foi definido um perfil de aluno e este Projecto Curricular do Agrupamento se baseia no meio em que está inserido e na escola, nos alunos, nos docentes, em toda a comunidade educativa, depois então, foram ouvidos os alunos, fez-se um levantamento prévio, pelo director de turma, das dificuldades inerentes a alguns alunos da turma, ou até à própria turma, porque pode ser uma dificuldade positiva para todos os alunos, e são lançados temas pelos próprios alunos em Área de Projecto. A minha experiência diz-me que a Área de Projecto, em termos de actividade e escolha de temas, funciona muito melhor na continuidade do sexto ano, porque no quinto ano os alunos ainda não têm um amadurecimento próprio que lhes permita sugerir temas de acordo com as suas dificuldades. Eles sugerem temas de acordo com as actividades que possam fazer e que mais motivação lhes traga. Embora isso seja importante, mas acho que nós temos que dar uma certa ajuda, nós os pares pedagógicos, a Área de Projecto e depois então levar para o Conselho de Turma e o Conselho de Turma aí, discute quais dos temas que os alunos sentiram motivação para tratar, se enquadram nas dificuldades, ou então, a partir do contrário. Arranjamos nós algumas actividades que vamos propor aos alunos e que eles nos dizem se concordam ou não, tendo em conta objectivos próprios e competências a desenvolver.

Q-Quem participou na execução dos projectos?

R- Quem participou na execução dos projectos, eu penso que, de uma forma geral, foi o Conselho de Turma, os alunos, o Conselho Executivo e o Conselho Pedagógico, apesar do Conselho Pedagógico e também as estruturas intermédias, porque podem, têm liberdade para participar fora do âmbito das suas competências que foram definidas nos departamentos. Eu acho que de uma forma geral todas as estruturas da escola participaram

Q-Qual o grau de adesão/participação dos actores escolares (alunos, professores, pais/encarregados de educação e outros elementos da comunidade?)

R- A minha experiência também me diz que pouco a pouco toda a comunidade educativa se envolve nos projectos de Área de Projecto, apesar de não ser necessário que haja um produto final, não é preciso haver, sei lá, um leilão, não é preciso haver um arraial, não é preciso haver uma visita de estudo, mas até mesmo como motivação nós se calhar estamos a ir muito para a defesa do produto final. Mas de uma forma geral, eu penso que a comunidade educativa se tem motivado e tem aderido. Mesmo funcionários, acho que percebem um bocado o que é esta nova área e acho que se envolvem. Pessoalmente continuo a dizer que os alunos envolvem-se mais no sexto ano.

Q-Que estratégias foram desenvolvidas para envolver os pais/encarregados de educação e outros elementos da comunidade?

R- As estratégias também, se calhar produto de uma experiência passada, para além das conversas formais e informais onde nós vamos explicando se calhar pessoalmente quando temos cá os encarregados de educação, mas como eu ia dizendo, produto de uma experiência passada, acho que este ano se fez uma coisa que resultou, que foi uma acção de

formação, entre aspas, para pais e encarregados de educação sobre a nova reorganização curricular, e acho que aí se foram tirando dúvidas. Foi feita por uma equipa de professores cá da escola, e acho que os pais se consciencializaram mais do que é que são estas novas áreas curriculares, nomeadamente a Área de Projecto, para que é que servem, porque a ideia é um bocado que são áreas que é para perder tempo, penso eu que os pais têm um bocado essa noção, e não são, é precisamente o contrário, enriquecem o currículo e as experiências dos alunos também são fundamentais nestas novas áreas.

Q-Que actividades e estratégias foram desenvolvidas na execução dos projectos?

R- A principal estratégia, e da estratégia vão aparecer então as actividades e a motivação, eu penso que um par pedagógico motivado, um Conselho de Turma motivado é consequentemente reflexo de uma turma motivada, portanto eu defendo que a motivação é muito importante para o desenvolvimento de estratégias e para a execução dos próprios projectos. Os alunos consequentemente estarão motivados, não é, porque se nós não, eu penso que é assim, se um Conselho de Turma e se um par pedagógico não estiver motivado para esta nova área, se andar assim um bocado perdido ou se não se entenderem entre si, é muito difícil motivar uma turma, motivar os alunos para fazer o que quer que seja nesta área e por isso é que eu continuo a defender que a motivação é muito importante, muito importante mesmo. Assim, eles podem resolver alguns dos problemas que têm, mas não os resolverão de certeza absoluta se forem impostos, se eles se sentirem motivados a adesão é muito maior. Pronto, continuo a defender que as actividades que são, foram propostas pelos alunos, suscitam logo neles um interesse muito grande em desenvolvê-las e estão empenhados. Mas continuo a referir que o quinto ano é muito mais difícil trabalhar que o sexto ano, porque eles não têm percepção, nós partimos, sei lá, quando utilizamos a metodologia do projecto, eles estão a identificar o problema, eles vão pesquisar, eles, nós queremos que eles descubram as coisas, não sejamos nós a dizer-lhas, e é um bocado complicado para alunos que não vêm com essa percepção e que não têm noção do que é pesquisar numa Biblioteca, do que é ir a uma enciclopédia fazerem sem que nós os motivemos para.

Q-Que aspectos “inovadores” foram utilizados?

R- Para mim, o mais inovador é mesmo o ensino, ou a aprendizagem, de uma descoberta e a metodologia do projecto. Eu própria se calhar já tinha utilizado a metodologia do projecto mas não, nem sequer sabia que era isso, e acho que essa é a maior inovação, é deixar que os alunos descubram, eles mexerem, irem aos dicionários, irem à Internet, e a escola pode, tem os meios para que eles descubram essas coisas por si próprios, e nós estamos lá como orientadores, como facilitadores um bocado, dessa descoberta e não como a darmos directrizes e corpo em si. Eu acho que a área de projecto motiva, eles aprendem a trabalhar em grupo, aprendem a respeitarem-se um pouco mais e isso reflecte-se em todas as disciplinas, quer queiramos quer não, acaba por se ver. Os temas são escolhidos por eles, apesar de haver depois uma selecção de acordo com as suas dificuldades, são eles que escolhem, as actividades é a mesma coisa, portanto eu acho que eles estão muito motivados para isso. A nível dos professores, acho que, pelo menos eu, é mesmo em termos de actividades, estratégias não, só a utilização da metodologia de projecto. O trabalhar de um par pedagógico, para qualquer professor acho que é um quebra-cabeças muito grande, por muito extrovertido que seja, ou por muito aberta que seja uma pessoa. É que uma pessoa quando vem de um trabalho dentro de sala de aula com, sei lá, uma experiência de nove, dez anos a trabalhar unicamente dentro da sua sala sem ninguém ao lado, acho que se calhar há professores que têm alguma dificuldade em digerir o facto de ter que trabalhar em grupo, e depois há feitios diferentes, é..., mas eu penso que isso são coisas que se podem ultrapassar.

Q-Quais as principais dificuldades encontradas na aprovação e execução dos projectos?

R- Na aprovação e execução dos projectos não houve dificuldades, eu não senti dificuldades. As dificuldades que possam existir e que eventualmente existiram, foram todas ultrapassadas. Continuo a dizer que foi através da formação realizada aqui na escola, dos encontros, das sessões informais de trabalho e de reflexão promovidas pelo Conselho Executivo, das conversas informais que fomos tendo. As dificuldades que existiram, eu não as considero relevantes. Foi a maior ou menor abertura ao espírito da nova reorganização curricular.

Q-Houve resistências à aprovação e realização dos projectos?

R- Tenho que dizer que não.

Q-Que relações existem entre os projectos das diferentes turmas?

R- Este ano a relação que existe entre as diferentes turmas a nível de projectos, pelo menos no quinto ano, penso que nos unimos mais. Falo pelas turmas que dou, o 5º C e o 5º D. Nos anos anteriores, o 5º ano trabalhou todo com um objectivo comum, mais ou menos comum, e este ano dividimos um pouco mais. Mas de alguma forma como os projectos devem de ir todos, ou têm as suas directrizes, e as linhas orientadoras no Projecto Curricular do Agrupamento é óbvio que deverão estar todos ligados entre si, mais não seja através das competências que nós queiramos desenvolver, umas mais acentuadas no Português, outras menos, mas acho que todos eles têm um elo comum que é o Projecto Curricular do Agrupamento.

Q-Que modelo organizativo a escola adoptou?

R- Eu acho que a nossa escola aposta muito na capacidade de trabalho dos docentes que tem e como tal, nas relações interpessoais, na capacidade que os docentes têm de decidir, de ponderar sobre as suas decisões, de reflectir e de trabalhar em conjunto. No interior da escola temos tido essa percepção, que há uma abertura muito grande em relação aos projectos, às iniciativas. Aqui fazemos uma grande aprendizagem. Não há imposições, pronto, há limites, fronteiras, nós sabemos até onde é que podemos ir, mas acho que de alguma forma é uma escola diferente, a mim que me surpreende pela positiva, porque nos dá hipótese de sermos imaginativos e termos sempre um enquadramento legal para a nossa imaginação, entre aspas. Por isso, acho que é uma escola que aposta na descentralização do poder, apesar das linhas orientadoras virem sempre do poder, pronto, e acho que tem de ser sempre por aí, porque nós não nos podemos também que não podemos fazer aquilo que nos apetece, não é? Nós temos que ter, que saber quais são as linhas que podem reger o nosso trabalho. Há muitos momentos em que nós paramos para fazer reuniões formais e informais (isto é uma constante na entrevista, formalidade e informalidade), há momentos em que reflectimos, há trabalho que nós estamos a pensar que está correcto e ao debatermos vemos que não e começamos de novo, e há sempre uma busca para, penso que o objectivo principal é sempre servir os alunos, pronto, e tentamos sempre apesar, das burocracias que existem, e que se calhar algumas são necessárias, nós tentamos sempre minimizá-las e remediar um bocado, através dessas conversas formais e informais.

Q-Foi tida em consideração a autonomia da escola?

R- Sim, sem dúvida nenhuma, eu acho que esta escola funciona bem, é diferente, e se há três anos nunca tinha tido um contacto com uma Gestão Flexível do Currículo, nem sabia o que isso era, de há três anos para cá tenho tido contactos com outras escolas, e não posso dizer que nessas escola é uma anarquia total, mas acho que esta escola é muito diferente daquelas, aqui temos, sentimos uma autonomia muito boa. Para mim, em termos de outras escolas em que eu já estive e de conversas que mantenho com colegas de outras escolas, esta escola é exemplar, porque nos dá um espaço de manobra muito grande e que nos

transmite uma grande segurança a nível do gestor que tem à sua frente, acho que, não sei se posso chamar o Presidente do Conselho Executivo de gestor, mas acho que sabe gerir pessoas, para além de todas as gestões que tem de fazer, financeiras, pedagógicas, etc, mas acho que é uma escola, que em termos de autonomia, a mim, apraz-me, sinceramente, é... e foi respeitada sempre a autonomia da escola na elaboração dos projectos.

Q- Qual a relação entre o programa da Área de Projecto e os Projectos Educativo e Curricular do Agrupamento e os Projectos Curriculares de Turma?

R- É a mesma coisa que dizer que não se pode começar uma casa pelo telhado. Acho eu, ou seja, a Área de Projecto só tem sentido funcionar se respeitar o que vem no Projecto Educativo e o que vem no Projecto Curricular do Agrupamento. Em termos de Projecto Curricular da turma, obviamente que também respeita, mas já é uma ligação mais estreita entre Projecto Curricular de Turma e Área de Projecto. Acho que as coisas aí podem funcionar de uma forma diferente, a Área de Projecto respeita aquilo que está no projecto curricular de turma, mas articula-se de maneira diferente, acho que não há esta dependência tão grande, porque na Área de Projecto também se podem desenvolver projectos, pequenos projectos para combater alguns problemas que os alunos possam ter sem estar directamente ligado, por exemplo, com tudo aquilo que já se definiu em termos de projecto curricular de turma até porque o projecto curricular de turma vai-se construindo por fases. Em termos de Projecto Educativo e Curricular do Agrupamento não se pode dissociar tanto, temos directrizes e temos que as respeitar.

Q- O programa da Área de Projecto está integrado formalmente nos Projectos Educativo e Curricular do Agrupamento e nos Projectos Curriculares de Turma?

R- Sim.

Q- Existe alguma relação de fundo entre eles?

R- Ao nível das competências, das finalidades e ao nível também do perfil do aluno que é esperado no final dos ciclos, existe uma relação, penso que coerente e articulada.

Q- Essa relação está associada a uma estratégia global de escola? Ou de algum grupo? Se sim, com que objectivos?

R- Não falo em grupo, falo em estratégia global de escola, porque acho que ao elaborar o Projecto Educativo do Agrupamento e o Projecto Curricular do Agrupamento, têm-se sempre em atenção o meio envolvente da escola e a sua comunidade educativa, portanto acho que a estratégia global da escola é a mais importante, neste momento.

Q- Existe convergência ou divergência de perspectivas e objectivos dos professores, alunos, pais/encarregados de educação relativamente às actividades da Área de Projecto?

R- As divergências acho que estão a ser cada vez menos, mas existem algumas divergências a nível de professores e encarregados de educação, penso eu. Acho que os professores ainda têm um bocado a ideia que a Área de Projecto é a mesma coisa que a Área Escola, o que está errado, e que deverá sempre existir um produto final, o também está errado, porque pode não existir um produto final. É uma ideia que eu acho que as pessoas têm que começar a compreender que a Área de Projecto, é uma área que se envolve com os problemas reais dos alunos e que procura dar uma resposta a esses problemas, se esses objectivos são conseguidos ou não, se calhar umas vezes são melhor que outras, outras vezes nem sempre serão, mas tenho como grande objectivo colmatar essas deficiências, essas dificuldades que os alunos têm, e há muitos professores que ainda não perceberam isso, que acham que é uma área que não pode em nada ajudar o grupo, que é só para, se calhar, distrair. Se nós desenvolvermos, imaginem, um projecto em Área de Projecto sobre solidariedade, é óbvio que os alunos vão ter uma participação crítica na sociedade, imagino, porque foi um projecto que já foi feito numa turma minha, não sei, em

termos de continuidade, de projecção no futuro, porque depois se não se dá continuidade, se calhar em alunos que estão ainda em formação de personalidades é um bocado complicado dizer que eles vão ser solidários para toda a vida, mas pelo menos eu sei que naquele ano eles tiveram uma posição mais crítica, uma postura mais crítica em relação, se calhar, a discriminações, em relação a crianças com outras dificuldades e isso acho que os desenvolve como pessoas, pelo menos se não os marcamos para a vida toda, marcamos num espaço de tempo e consciencializamo-los nesse contexto. Acho que já é muito bom.

Em termos de encarregados de educação, acho que ainda não têm a noção desta nova área curricular, mas que estão a ganhar pouco a pouco essa noção. Mais uma vez, eu já tinha referido isso atrás, foi feita uma acção de sensibilização, de formação sobre a reorganização curricular onde foi falado na Área de Projecto e penso que os interessados, os encarregados de educação que realmente tinham dúvidas vieram e provavelmente ficaram esclarecidos. Os outros terão que as tirar, ou vendo ou vindo cá pessoalmente.

Q-A Área de Projecto contribuiu para dar coerência ao trabalho desenvolvido pelos professores, ou seja, existem ideias comuns ao corpo docente acerca da organização da Área de Projecto?

R- Acho. Isso é uma preocupação que esta escola teve desde o início e para isso se criaram comissões especializadas, e para isso se dá formação e para isso se fazem pontos de encontro formais e informais, de maneira a caminharmos todos no mesmo sentido e as dúvidas ou as dificuldades, em termos de organização, em termos de postura, relacionadas com a Área de Projecto foram sempre ultrapassadas, talvez se incida mais, por exemplo, no terceiro ciclo, porque não há o trabalho de um par pedagógico mas sim de um professor e se calhar é um bocado mais complicado, porque duas cabeças pensam melhor que uma, mas acho que, como há um clima de abertura em que não há problema nenhum em chegar ao pé do colega da Área de Projecto e perguntar-lhe “olha tenho uma dúvida aqui” ou “o que é que estás a pensar fazer ali”, acho que vão sendo ultrapassadas e acho que estamos todos a trabalhar coerentemente para o mesmo fim, que é dar a importância devida à Área de Projecto.

Q-Tendo em consideração a cooperação entre os professores, a relação professor-aluno, a relação aluno-aluno, a motivação e a satisfação no trabalho, como caracteriza o clima de escola?

R- Acho que há muita abertura, e acho que os constrangimentos que surgem, pela abertura e pelo clima que existe podem ser ultrapassados. Acho que este ano há um bom clima de trabalho, pronto, para além de haver amizade e solidariedade entre colegas, acho que se trabalha bem, acho que temos uma equipa forte.

Q-O clima existente na escola é propício às mudanças requeridas pela implementação da Área de Projecto?

R- Sim, eu acho que é propício apesar de haver um entrave muito grande, no meu entender, que é a mobilidade dos docentes, ou seja, obriga a que cada ano a escola tenha que ter um trabalho inicial muito intenso e árduo para conseguir moldar algumas resistências, para conseguir tirar algumas dificuldades. É quase certo, eu penso que é assim, em termos da minha experiência de três anos, perder-se muito tempo por causa disso. Eu acho que apesar desta escola ter tido a sorte, entre aspas, e se calhar os professores que cá estão também, em o núcleo duro de professores se ter mantido casualmente, e que foi trazendo alguma segurança, em termos de organização, acho que quando esse grupo se perder ou, como todos os anos entram novas pessoas para o grupo, o trabalho de integração e de adaptação é um grande desperdício de tempo, porque temos que investir novamente em tudo. Não há continuidade, mas isso não é culpa da escola, é uma culpa exterior à escola e acho que em termos de formação, o Presidente da nossa escola tem tido muita paciência nesse aspecto,

porque nos dá formação, nós vamos tirar as dúvidas e enquanto assim for, acho que é muito bom.

Q-O clima existente nas actividades da Área de Projecto é idêntico ou diferente do clima geral da escola?

R- Eu aí tenho uma dificuldade em articular esses dois momentos, as actividades da Área de Projecto e o clima da escola. Mas eu acho que se o clima da escola for bom, é óbvio que as actividades da Área de Projecto também são conseguidas de uma forma diferente, são, só pode ser, porque a filosofia da Área de Projecto é o trabalho cooperativo, é deixar abertura para os alunos poderem trabalhar em grupo, para poderem tirar as suas dificuldades, para poderem conversar, as actividades que são realizadas na Área de Projecto proporcionam ao aluno o momento, não direi de descompressão mas quase, porque eles estão ali não estão pressionados, também porque apesar de saberem que vão ter também uma avaliação, sabem, no entanto, que estão também a tentar resolver problemas deles e que isso depois poderá ter influência também na avaliação final de ciclo e de período, por isso eu acho que o clima é igual.

Q-Pensa que as actividades da Área de Projecto trazem vantagens reais para os alunos? E para a escola?

R- Sim, eu acho que enriquecem todo o processo de ensino-aprendizagem dos alunos, torna-os mais autónomos, mais participativos, mais críticos, e faz com que a escola beneficie também. Acho que uma escola que tenha, é óbvio que não é um trabalho se calhar que se veja já de hoje para amanhã, se calhar não é um trabalho que tenha uma continuidade, os professores mudam, os alunos também passam por fases diferentes, mas acho que vai-se sempre enraizando e que é bastante produtivo quer para alunos quer para a escola, porque a escola é feita de alunos.

Q-Quer acrescentar alguma coisa sobre a Área de Projecto que não tenha sido abordada?

R- Há muito caminhar a percorrer.

Quero agradecer-lhe a sua preciosa colaboração.

Muito obrigado.

PROTOCOLO DA ENTREVISTA - PROFESSORES

Nome: Maria da Luz
Professora do Quadro Nomeação Definitiva do 11º Grupo A (3º Ciclo)
Local: Sala de reuniões do Conselho Executivo
Data: 13 de Março de 2002
Entrevistador: Fernando Elias

A entrevista iniciou-se com a apresentação dos objectivos do projecto de investigação, legitimação da entrevista e motivação da entrevistada.

Passou-se de seguida à formulação das seguintes questões:

Q-Gostava que me falasse um pouco sobre a forma como foram escolhidas as actividades?

R- Pronto, então em princípio eu vou comparar um pouco a Área de Projecto, para já, com projecto curricular de turma, tá bem? Portanto, antes de mais, eu recebo uma turma que conhecia do ano passado, mas cuja directora tinha sido outra, não tinha sido eu. Portanto, uma coisa é conhecer os alunos enquanto professor da turma outra coisa é conhecê-los como directora de turma, não é? O grau de conhecimento varia e de uma forma absurda. Portanto, a primeira coisa que nós realmente tivemos que fazer foi, ou que eu tive que fazer na minha qualidade de directora de turma, foi o levantamento de todas as dificuldades que já tinham sido identificadas o ano passado, e isso, através dos documentos existentes na escola, e depois disso, um levantamento complementar, feito nas próprias aulas com eles, para perceber quais as áreas em que tinham mais dificuldades em que eventualmente poderiam, com o tempo, bloquear por falta de,... eu não direi de pré-requisitos, não era bem isso que eu... porque isso remete-nos para conteúdos e eu não queria remeter-me para conteúdos mas para competências, pronto. Portanto, fizemos um trabalho, ou eu fiz um trabalho de levantamento, eu quando digo eu não estou a excluir os colegas, porque no fundo toda a gente ajuda, toda a gente colabora neste levantamento, através exactamente das coordenações pedagógicas, não é? Pronto, portanto fizemos um levantamento. Ora a partir do momento em que temos o problema dos miúdos identificado, e eu falo de problema como um conjunto de aprendizagens não conseguidas ou como qualquer coisa que eles efectivamente querem, qualquer assunto que eles querem trabalhar, que eles querem explorar, pronto, portanto a partir do momento em que já dominamos minimamente a turma, em termos de saber como é que ela é, partimos portanto para a construção do projecto, ponto final. Agora, a Área de Projecto, e foi sobre isto que me falaste concretamente, a Área de Projecto este ano, e eu faço a distinção porque o ano passado trabalhava com um par pedagógico e este ano não, portanto, este ano envolve uma carga de responsabilidade, para o professor, muito maior porque o professor tem que ter a sensibilidade de perceber quais são efectivamente os problemas dos alunos, e isso fê-lo já através de todos os processos que descrevi anteriormente, e depois tem que estar disponível, aberto para tentar ajudá-los a resolver o problema que eles próprios identificam, ou que nós ajudamos a identificar, portanto, temos que estar abertos, disponíveis mas deixando que as coisas fluam, não é, e transmitir-lhes a ideia “nós estamos aqui... eu estou aqui, toda a escola está aqui quando eu não conseguir estar sozinha, quando eu precisar de ajuda, eu sou o rosto da escola, portanto vocês digam o que é que querem fazer e como é que querem fazer”, pronto, posta a questão assim, eles começam imediatamente a perguntar

“ó professora como é que vamos trabalhar? em grupos de dez, em grupos de cinco, em grupos de três? como é que vamos trabalhar?”, outra questão que eles resolvem. Pronto, resolveram trabalhar em grupos de quatro, cinco, sempre com a salvaguarda, se a coisa não funcionar nós fazemos as mexidas que entendemos que são necessárias. Pronto, a partir daí temos grupos já formalizados, quatro, cinco alunos, que começam a discutir que problema querem discutir, que problema querem resolver, pronto, se querem resolver o problema a cinco, se querem resolver parceladamente e depois em conjunto, tratando o tema comum ou subtemas, portanto que é que eles querem fazer? Agora, falando concretamente da experiência da minha turma, eles organizaram-se por grupos, escolheram subtemas e eu, a certa altura, tive a impressão que cada um trabalhava para seu lado e que andava toda a gente sem rumo e então, lá estão outra vez a importância das coordenações pedagógicas, nas coordenações pedagógicas, eu comecei a levantar essa minha dúvida, ... a pôr à consideração dos colegas a minha própria dúvida e então chegámos à conclusão que para haver um fio orientador daquela malta toda, deveríamos começar a pegar em determinados aspectos específicos de cada disciplina. Dou-te um exemplo, por exemplo a Língua Portuguesa no debate, pegámos, por exemplo, no debate, enquanto a colega de Português começou a trabalhar esse conteúdo, nós começámos a fazê-lo entrar na Área de Projecto, depois de trabalhado na Língua Portuguesa, fizemo-lo entrar na Área de Projecto para que eles consigam levar a cabo, todos e não parceladamente, o debate sobre o problema da Sida e da Toxicodependência e não sei quê, que está em preparação, mas lá está a articulação. Portanto, chegamos às coordenações, o que é que se está a fazer? Como é que se vai fazer? e cada um dá o seu melhor, porque... eu não estou a pintar, eu estou a dizer exactamente o que é que se está a fazer nas nossas coordenações, portanto, neste caso concreto, a Rosário está a trabalhar o debate, já há algum tempo, que vai ser necessário para o dia em que eles vão mostrar à escola, ainda não definiram se é para a escola se é só para os oitavos e nonos anos, e professores e funcionários e pais, evidentemente, ... para o dia em que eles vão mostrar à escola o que é que fizeram, os levantamentos que fizeram, como é que é, o problema da Sida deve ser ou não encarado? Que processo há para a autodefesa, pronto, essas situações todas. Agora, o que é importante disto, é que de facto há um trabalho de equipa que nós pretendemos fomentar e que é muito difícil de fomentar.

Q-Que órgãos (formais e informais) tiveram intervenção no processo?

R- Portanto, olha... exactamente. Portanto, pronto, a directora de turma, a coordenação pedagógica, a própria turma, poderei falar dos próprios encarregados de educação que se têm mostrado disponíveis para os nossos projectos, e eu vou já dizer porquê, ... ainda nenhum me disse não, e depois, creio que não esqueci ninguém, e depois o próprio Conselho Executivo. E agora eu estou a falar como elemento da escola e não como elemento que está presente perante um outro elemento do conselho executivo, não sei se me estou a fazer entender, portanto, eu acho que é fundamental que o Conselho Executivo seja a nossa rede, e, é claro, nós temos que ser, ... como é que se diz?, temos que ser razoáveis nos pedidos que fazemos, temos que ter a consciência dos limites que o Conselho Executivo tem em termos económicos, em termos de espaço, em termos até de materiais didácticos, não é, porque as nossas escolas não estão equipadas a cem por cento, e todos nós sabemos isso, mas dentro daquilo que há nós não sofremos, e estou cá desde o ano passado, isto está a ser gravado não sei quem é que vai ouvir, mas pode ouvir à vontade, nunca senti o mínimo de oposição ou de resistência a algum projecto que tivéssemos querido desenvolver, pelo contrário, a abertura é total, limitam-se a pedir-nos prazos e planos, projectos bem esclarecidos, bem elaborados, sobre aquilo que pretendemos e as coisas acabam sempre por acontecer e acabamos sempre por receber o feed-back que precisamos, não é?

Q- Nota-se alguma carga burocrática, formalizadora no desenvolvimento dos projectos?

R- Não, não acho que seja... burocrática terá que ser, exactamente, porque eu suponho que todo o material que é gasto tem de ser justificado e portanto, automaticamente, do ponto de vista burocrático, eu tenho que justificar os materiais de que me sirvo, os materiais que solicito. Em termos dos planos, não, não, porque sem um bom plano não há trabalho. As pessoas não podem trabalhar, sem rede, sem escada, as pessoas têm de saber o que é que estão a fazer, têm que ter uma metodologia do projecto, e uma metodologia implica escrita, a elaboração de materiais, a elaboração de esquemas de trabalho, esquemas organizativos, calendarizações, portanto, não há outra maneira de resolver essas situações.

Q- Mas nota-se ou não uma margem de flexibilidade?

R- Nota, perfeita, perfeitamente... não há prazos rigorosos, as pessoas vão trabalhando dentro das suas possibilidades, e trabalhando por si.

...Ah, os pais. Por exemplo, quando nós propomos alguns trabalhos, ou alguma ... por exemplo, deixa-me falar, para dar um exemplo concreto, a professora ----- conseguiu, e creio que o Conselho Executivo também, portanto, deu-nos a possibilidade de participarmos no Projecto da CENTIMFE. Ora, quando eu ouvi falar desse projecto, ele também foi discutido em coordenação pedagógica, mas eu achei que ali estava uma ótima oportunidade para pôr na prática aquilo que afinal de contas nós defendemos teoricamente. E aí, eu verifiquei duas coisas, para já, ... e já vou aos pais, para já a flexibilidade do próprio Conselho Executivo, e eu gostaria que tu não pertencesse ao Conselho Executivo, sabes porquê?, porque assim eu ainda falava mais à vontade, mas a flexibilidade que ele demonstrou, por exemplo, na alteração de horários das aulas, no reajustamento de todo um plano que já estava feito e que demora sempre muito tempo a fazer, portanto, e no reajustamento desse plano para poder encaixar esta ida dos miúdos ao CENTIMFE e, portanto, lá está, aproveitando as potencialidades, neste caso, regionais, não é?. E depois também achei que a abertura dos pais, os pais a partir do momento em que souberam que o projecto era da escola, alguns telefonaram, porque alguns têm o meu número de telemóvel, e telefonaram perguntando quem ia, como é que ia, para que é que servia o projecto e, pronto, e em nome da escola tive o cuidado de lhes explicar em que é que consistia o projecto e o que é que pretendia deles. Então, eles chegam ao ponto de me confiar os filhos, ao ponto de deixarem que eu lhes deixe à porta, quer dizer, eles nem é preciso trazê-los à escola para depois oficialmente os devolver via transporte escolar, quer dizer, confiam na escola e nos técnicos da escola, não é, e eu acho que nós também precisamos dessa confiança, precisamos de saber que os pais confiam na equipa que está a trabalhar com os filhos, e isso a mim enche-me de um certo orgulho, são pequenas coisas que se calhar não eram motivo de orgulho, mas para mim são.

Q- Quem liderou o processo?

R- Estás a falar de alunos? No geral, ... eu acho que a maioria da coordenação, ... dos professores, a coordenação pedagógica, a própria colega de Língua Portuguesa, ela está, ... dá uma colaboração bastante grande em tudo, inclusive em todos os textos e coisas que são produzidas, na Área de Projecto acabam por ser, em último caso, vistas, revistas por ela. Quem mais? A própria coordenadora dos directores de turma que de facto é uma pessoa bastante aberta, ela põe-nos as oportunidades nas mãos, não é, e depois nós é só agarrar nelas e geri-las e portanto eu acho que, ... quem é que se destacou ao cabo e ao resto? Foram estes elementos, ... o director de turma faz o seu papel de... enfim, ele reúne em si, os projectos e, de certo modo, claro também tem de lhes dar andamento se não eles morriam à partida, não é? Afinal de contas o director de turma é um responsável que não

pode de modo algum ignorar aquilo que se está a passar à volta dele. Não pode, não deve, não...

Q- Qual a relação entre as actividades e as outras disciplinas?

R- Pois, aí é que a coisa começa a ser complicada. Portanto, é assim, é muito difícil levar os colegas em geral, e por isso é que eu destaquei alguns colegas, não é? Destaquei a ----- e por exemplo, a ----- e espero não estar a esquecer ninguém que seria, da minha parte injusto, ... estamos a falar de Língua Portuguesa, Física e Química ... portanto, são colegas bastante disponíveis que para qualquer coisa eles dizem estou cá, estou aqui, estou presente. A ----- é professora no Estudo Acompanhado, que eu acho que é uma parte importantíssima de todo este processo, e depois a colega de Língua Portuguesa, porque ela domina uma área que é subjacente a todas as nossas actividades. Agora, depois disso, e sem querer de maneira nenhuma, estar a ser injusta, mas a verdade é que se nota uma grande... uma grande, eu estou a ser honesta, é uma chatice, mas tem de ser, nota-se uma grande dificuldade de participação das pessoas. É que as pessoas julgam que participar num projecto, significa entrar com os conteúdos das disciplinas, e pode não ser. As pessoas ainda estão muito ligadas à sua disciplina, aos conteúdos, aos pré-requisitos, e “os meus alunos não sabem isto, os meus alunos não sabem aquilo, ai Jesus que eu não consigo, não consigo dar o programa, cumprir o programa, ai meu Deus, e agora?” e curiosamente alguns pais ainda estão nessa posição também, para eles é fundamental o momento de avaliação através de um teste, não é? “Ai meu Deus, o meu filho amanhã vai ter um teste, e agora se o teste não lhe corre bem?”. Quando a avaliação,... quando os projectos já não passam pelos testes, não é, Projecto Curricular de Turma, Área de Projecto, etc, o teste é um elemento de avaliação e ainda por cima deve ser formativa e não selectiva e diz, antes de mais, ao aluno, e eu estou a falar de testes para chegar aos planos, quando... eu hoje encaro o teste como uma forma de mostrar aos alunos o que é que ele não conseguiu aprender e portanto, “olha lá, estás mal aqui, estás mal ali, anda lá, vamos lá ver isto outra vez”. Portanto, quando estou envolvida num projecto curricular, se não der o meu programa todo não estou preocupada com isso, eu estou preocupada com o projecto que eu tenho a caminhar. E dá-me ideia que se todos os professores se desligarem da sua disciplina e se esquecerem um pouco os conteúdos e os requisitos, e os pré-requisitos e não sei quê, e se quiserem é participar na consecução do tal projecto que há-de ter um fim, uma finalidade, pronto. Se assim for o professor não pergunta “Mas como é que eu participo no projecto? Mas, ... com que conteúdos? Mas, ... o que é que eu faço?”. Ele simplesmente está ali para o que der e para o que vier, podendo disponibilizar até alguma parte da sua aula, em termos de tempo, ou podendo participar de outra maneira qualquer, se lhe pedirmos. Depois, estes espaços são tão abertos que, por exemplo, podemos continuar as tarefas, o projecto na aula que vem a seguir, se for, por exemplo, o mesmo professor que é o meu caso em Geografia e em Formação Cívica. Agora, o que se nota muito é, ainda, o amor à disciplina, à nossa disciplina e nós só trabalhamos em função da nossa disciplina “ai Jesus que a minha Geografia fica para trás e depois como é que eu faço, não é?. Pronto, também é evidente que isto leva-nos a outros pontos, a lógica dos testes e das provas globais, que se calhar deixam de ter tanta lógica como isso, mas isso aí já é outro aspecto.

Q- Notam-se algumas inovações pedagógicas?

R- Vão-se notando. No meio disto tudo, vão-se notando porque há pessoas que já estão dentro do espírito da coisa, passe o termo. Portanto, há pessoas que já perceberam bem o que é um projecto curricular de turma e dentro dessa percepção começam a trabalhar doutra maneira, em equipa, colaboram, dão sugestões, ajudam. Por exemplo, imagina que dentro de um projecto qualquer de repente me surge um texto de inglês ou de francês e, eu este ano,... eu, não estou a falar da Maria da Luz, estou a falar de mim enquanto professora que

está na Área de Projecto sozinha, portanto, estávamos acompanhadas no ano lectivo anterior, não é? Era mais fácil quando estávamos acompanhadas, porque é assim, nós temos uma formação académica que, queiramos ou não, está por trás daquilo que nós fazemos. Portanto, é natural que uma pessoa que tenha uma formação na área das Letras ou na área das Humanidades e outra que tenha uma formação na área das Ciências, é natural que elas se complementem, não é? E dentro de um projecto uma dá uma ideia assim, a outra vai às Humanidades e dá-lhe, digamos, dá-lhe cunhos, cunhos provenientes das áreas de onde vem. É evidente que quando o professor é apenas de uma área, acaba por... não direi limitar, mas, necessariamente pensar a um e não a dois. Aí corta-se um pouco o trabalho de equipa, quer dizer, continua a ser um trabalho de equipa porque é um trabalho do conselho de turma, mas na altura em que temos que fazer a concretização de determinadas coisas, a dois era mais fácil, precisamente porque éramos de áreas diferentes. Pronto, mas eu estava a dizer qualquer coisa, ... há professores que já estão a entrar neste esquema do projecto e começam a colaborar custe o que custar, não se importam com as planificações, aliás, eu acho as planificações começam a ser obsoletas, porque nós planificamos uma coisa a um mês ou a dois, mas como trabalhamos em projecto nem sempre as podemos cumprir, porque surgem prioridades que têm automaticamente que alterar essas tais planificações. Portanto, as planificações por disciplina funcionam como mapas orientadores, mas têm que ser flexíveis, porque senão não há flexibilização curricular, eu não posso dizer agora vou dar isto, depois aquilo, depois aqueloutro, não pode ser assim, eu tenho que ir ao encontro das necessidades dos alunos, não é, e dentro do meu programa, até da minha disciplina, eu vou tendo que gerir aquilo de modo a dar-lhes aquilo que lhes interessa mais no momento. E depois parece-me que há outra coisa, a lógica da disciplina passou a ser diferente, eu aí poderia ir por outro campo e nunca mais saía daqui, saía... pronto, mas não quero. Agora, há professores que ainda resistem muito ao trabalho de projecto. Não sabem trabalhar em Área de Projecto.

Q- Como é que se podem ir contornando essas questões?

R- Às vezes é uma questão de sensibilidade e tentar falar com as pessoas mais ou menos directamente ou,... olha, eu às vezes utilizo uma outra táctica que é, na reunião eu acho que não estou a receber o feed-back e termino o assunto por ali e depois lá em cima na sala de professores abordo o professor. E já tenho conseguido trazer pessoas ao projecto, através dessa táctica, e evitado até problemas graves, pessoas que pura e simplesmente recusam o trabalho, não querem,... mas acabam por perceber que as coisas não são iguais àquilo que eram quando elas estudaram e acabam por ir fazendo e acabam por tentar ajudar e, acima de tudo, tentam a sua própria integração no projecto.

Q-Que dificuldades encontrou na execução da Área de Projecto? Qual a sua natureza? Organizacional? Curricular? Falta de recursos? Falta de preparação dos professores?

R- Não, de natureza organizacional não. As dificuldades sentidas são mais, por exemplo, ao nível das ferramentas de trabalho. Nós na Área de Projecto tentamos dar ao aluno as ferramentas de trabalho que os torne competentes para a vida activa, não é, e então, e eu considero que também já é vida activa o trabalho que eles fazem dentro da sala de aula. Também é vida activa, porque agora é o emprego deles. Então algumas dificuldades surgem aí, por exemplo, os garotos, perdão, os alunos pegam em material, “não tenho este material”, digamos são gananciosos à partida, não é, e depois não sabem gerir aquilo, eles sabem que o querem mas não sabem como chegar lá, porque entram nos livros, perdem-se, entram na Internet, perdem-se, tanta coisa, ficam deslumbrados, e uma das dificuldades do professor é dar-lhes a ferramenta que lhes permite seleccionar aquilo que lhes interessa, não é, e isso aí é que é complicado, é fazê-los perceber,... fazê-los perceber o que é que tem

valor e o que é que não tem valor. E depois, claro, a grande dificuldade que eu considero no meio disto tudo é o domínio da língua materna, é fundamental o domínio da língua materna, porque eu posso te dar aí meia dúzia de coisas para tu pesquisares e de seleccionares o que é mais importante, não dominas a língua portuguesa não consegues pensar, logo não consegues perceber o que lês, logo não seleccionas. Por isso é que eu aposto nos clubes de leitura como uma postura pessoal e gostava de colaborar ainda mais com a escola a esse nível, porque neste momento temos aí um clube de leitura, como sabes, eu só tenho 3 alunos do quinto ano. Mas eu até me atrevera, passe a imodéstia, a dizer que eles já lêem um bocadinho melhor, ou pelos menos estamos a tentar fomentar-lhes o gosto pela leitura. Se pudesse ser extensível a mais, estou convencida que ajudava imenso, porque está na base de tudo isto todo o nosso trabalho.

Q-Quais as finalidades da Área de Projecto que mais valoriza, a nível da organização da escola e a nível da organização da turma?

R- Eu acho que a escola existe para as turmas, não é? É evidente que uma turma não pode ter uma organização capaz, se ela também não for proporcionada pela escola em si. Portanto, acho que a escola e a turma, a turma e a escola são uma e uma só, isto é, são indissociáveis. Portanto, quando as turmas têm uma boa organização, isso reflecte-se na escola, mas a escola também, à partida, se quer ter turmas com uma organização correcta e com projectos executáveis, a escola também tem que dar essas condições, e, portanto, parece-me que aqui há um certo equilíbrio entre aquilo que se pretende e aquilo que se está a fazer.

Q-Que aspectos considera positivos e/ou negativos no desenvolvimento da Área de Projecto em geral?

R- Olha, eu há bocado disse que na Área de Projecto, e não só, também temos Estudo Acompanhado e todas as Nac's, mas a Área de Projecto é uma área preferencial, para a tornar executável a nossa intenção é dar-lhes ferramentas de trabalho. Portanto, tu perguntaste-me, desculpa, quais eram... mais positivos, pois,... os mais positivos é precisamente isso. É, digamos que são espaços abertos em que é possível trabalhar em função dos gostos dos alunos e explorá-los, explorar esses gostos, e é uma área fantástica, na medida em que portas abertas, livre trânsito para a Biblioteca, livre trânsito dentro da sala de aula, há organização no aparente caos, quem não souber o que é que estamos a fazer diz "mas o que é que eles andam ali a fazer? uns para a frente outros para trás, outros discutem ali naquele canto, mas que raio de aula é aquela?" Agora, quem estiver dentro bem do assunto, quem estiver a perceber o que é que se está a passar ali, está a passar-se algo de encantador, a possibilidade de pôr na prática e logo ali as aprendizagens, como fazer, onde ir buscar, o que seleccionar, quem faz, quem é que vai,... quanto tempo é que temos para fazer isto, e eles habituam-se a trabalhar mesmo em projecto, o que é fantástico. Por exemplo, quando os levamos, eu já digo quais são as desvantagens, ainda estou nas vantagens, quando os levamos, por exemplo, ao CENTIMFE, nós verificamos uma coisa interessante, eu entro com eles lá para dentro da sala, organizaram dois grupos de dez, duas mesas independentes, e mandaram-nos estudar um produto qualquer que não exista no mercado mas que eles achem que era possível, passível de ser vendido. Então ambos os grupos inventaram, estudaram uma coisa. Um deles é uma escova de dentes que tem um depósito que leva pasta e que se carrega e vamos ver o que é que dali sai, e ou outro é uma escova de enrolar o cabelo também lá com um truque qualquer. Então, para estes simples factos, para estes simples objectos, está todo o trabalho de projecto por trás, e aí, curiosamente, vê-se a transdisciplinaridade do projecto. Aparece, por exemplo, a Língua Portuguesa como base de expressão e de elaboração de todo o projecto, aparece a Matemática na medida em que eles têm que fazer contas e projectam os objectos que vão

realizar, aparece a Educação Visual porque eles têm que fazer o desenho, e eu não estou a compartimentar as disciplinas, pelo contrário, eu estou é a ver que cada vez mais na nossa sociedade nós trabalhamos em transdisciplinaridade e ela vê-se depois quando eles,... a exequibilidade dos projectos vê-se ali, quanto mais eles levam daqui competências, levam formas de trabalho, estratégias de trabalho, mas depois na prática eles conseguem pô-las a funcionar. Tenho a impressão que nós estamos no caminho certo. Eu não concordava com este método de trabalho. Quando cheguei aqui à escola eu fiquei apavorada, porque eu trazia formação teórica e não sabia muito bem depois como é que isto se punha em prática, e quando comecei a ver apaixonei-me pelo projecto. A organização da escola, a forma como funcionava, não estava habituada a isto. Depois, com o tempo fui percebendo as coisas, fui-me integrando. O contacto com os colegas que já estavam cá há mais tempo, também foi importante. Hoje, eu acho que me apaixonei pelo projecto. Eu acho que é lindo, qualquer miúdo daqui tem possibilidades, desde aqueles que têm mais dificuldades aos que têm menos, qualquer miúdo aqui tem possibilidades de ficar preparado para a vida activa, claro com os ajustamentos que nós ainda teremos que fazer, não é, e que vão surgindo da prática diária. A maior dificuldade, e aí não há nada a fazer, parece-me a mim, embora não queira ser assim tão pessimista, às vezes é a questão de tempo mesmo, temos projectos que, das duas uma, ou simplificamos, pronto, não podemos ser muito ambiciosos, ou então não conseguimos levá-los à prática. Por exemplo, neste momento, não conseguimos acabá-los, se é que o nosso objectivo é acabar alguma coisa,... o tempo às vezes é que nos trai, porque nós estamos com o projecto em mãos, mas depois há outras coisas que são pertinentes e que vão entrando à frente e deixamos as coisas para trás, mas também não há problema, porque afinal de contas, no meu caso pessoal, eu estou com o oitavo ano na mão, posso perfeitamente levar esse projecto até ao nono, o que não se fizer este ano faz-se para o ano, porque, lá está, mais importante do que apresentar coisas feitas e cartazes nas paredes são os processos que levam a chegar lá. Eu não sou uma pessoa muito preocupada com a visibilidade do meu trabalho. Eu tenho uma preocupação maior com as modificações que eu vou observando nos meus alunos. Eu sei que é um trabalho um pouco, não direi... não é inglório, valha-me Deus, pelo contrário, dá-me imenso uma satisfação pessoal, mas quer dizer, é um trabalho que não é reconhecido mas também não é esse o meu objectivo, não me importa se,... francamente acho que é melhor não ir por aqui, mas é fundamental é encontrar diferenças significativas nas pessoas com quem trabalhamos, e eu neste momento posso dizer uma coisa, tenho ali um dossiê, posso mostrar-to, temos até ao nível das disciplinas, até esse nível, temos... estamos a encontrar uma progressão imensa nos miúdos, eles estão a ultrapassar imensas dificuldades que são visíveis por disciplina, aparentemente estou a contradizer-me, porque eu à bocado disse que as disciplinas que cada vez mais fazem parte de um todo e que não existem isoladamente, mas também elas depois usam o feed-back do trabalho que fazemos na Área de Projecto, no Estudo Acompanhado e na própria Formação Cívica, que é fundamental também atendendo ao facto que estamos a formar cidadãos, e o ser para nós, por exemplo, quando vamos ao CENTIMFE, e volto a buscar uma situação prática, eu noto uma diferença entre o primeiro em que entrámos lá e agora, o momento actual. Eles entravam a correr, a saltar, iam pelos corredores, faziam uma barulheira diabólica, eles, se fosse preciso, mandavam um murro num dos expositores, não havia problema nenhum. Eles hoje sabem como entrar. Sabem que depois como estar dentro da sala, como discutir os assuntos, porque dão-lhes a possibilidade de discutir a dez. Ora, dez pessoas a discutir um problema é uma grande confusão. Depois é engraçado que eles têm organização, eles de vez em quando olham para mim, como se eu fosse assim, não é um elemento moderador, é como se fosse um elemento de aprovação ou não, como se fosse preciso que eu fizesse movimentos com a cara para aprovar ou desaprovar aquilo que

eles estão a fazer. Eu não quero que eles,... eu quero que eles sejam autónomos, que eles não precisem nada da professora para lhes dizer se estão a fazer bem ou mal. A verdade é que eles já têm a noção de quando é que têm que estar desta maneira ou daquela, as formas de estar começam a ser trabalhadas por eles e eles começam a ter a sensibilidade de saber que, espera lá, agora é para estar assim, é para estar com atenção, é para discutir com ordem, respeitando aquilo que os outros dizem e depois já sabem sair do CENTIMFE, deixar as cadeiras nos lugares e despedirem-se dos formadores. Eu acho isto importante, porque eles no princípio não o faziam. Portanto, parece-me que todo este processo de ensino tem,... terá talvez a longo prazo, efeitos na própria organização social.

Q-Considera que o clima de trabalho das actividades da Área de Projecto (cooperação entre os professores, relação professor-aluno, motivação e satisfação no trabalho) é idêntico ou diferente ao clima existente nas restantes disciplinas?

R- Eu acho que é diferente.

Q-Quais são essas diferenças? Nunca pensou porque existem?

R- É diferente, porque eles estão a trabalhar em algo que eles próprios escolheram, é esse o problema, portanto, eles como que têm uma relação afectiva com as aprendizagens, foram eles que as escolheram. Ao passo que, nas outras disciplinas, a aprendizagem é-lhes imposta, os conteúdos têm que ser aqueles, é aquilo que tem de ser abordado nesta aula, naquela aula: As matérias, queiramos ou não, são sempre simpáticas ou menos simpáticas para os alunos, depende do grau de dificuldade que eles têm na recepção. Na Área de Projecto não, eles fazem, afinal de contas, aquilo que gostam de fazer. Claro que se diz assim “então nunca fazem aquilo que não gostam, não gostam porque não sabem, se nunca fazem aquilo que não gostam nunca aprendem aquilo que não sabem”. Não, não é bem assim, porque eles sabem o que não gostam de fazer, mas curiosamente como é de uma forma voluntária, vêm perguntar como é que se faz, e aceitam que o professor lhes explique. É engraçado.

O que não se consegue fazer, às vezes, para turmas de vinte, faz-se depois para grupos de cinco. Depois, os outros do lado ouviram “como é que é stôra, como é que é? Venha cá dizer-nos isso”. É interessante. Enfim,... é gratificante. Também, digo-te uma coisa, não gostava de fazer mais nada na vida senão isto. Gosto daquilo que faço, mas não tenho a mania que sou perfeita, pelo contrário, tenho muitas dúvidas, no dia a dia, se estou a fazer bem ou mal. Por isso é que eu gosto das coordenações pedagógicas e gosto do debate. A professora -----, por exemplo, é uma pessoa muito experiente, não fiz a justiça de me referir a ela, peço desculpa, esqueci-me, a professora ----- também é um elemento muito ponderado, é uma pessoa muito competente, sabe exactamente o que quer, sabe exactamente como fazer, digamos que por vezes até é uma pessoa que não deixa que os projectos saiam da linha, digamos assim, embora, com toda a possibilidade de abertura que um projecto possa ter, mas ela lembra-nos que é por ali, percebes?

Q- A Área de Projecto, pelas características que tem exposto e que parecem ser evidentes no contexto prático, também é capaz de ser um motor de desenvolvimento dos professores?

R- Completamente. O professor não pode adormecer. O professor para participar tem que estar atento, tem que se informar, tem que ler, tem que ter formação...

Q- E a partilha? Acha que se consegue?

R- A partilha entre professores consegue-se com dificuldade, sabes porquê? Porque nós temos uma cultura, ainda, de grande individualidade. Portanto, se o professor puder vir cá abaixo ao Conselho Executivo ou ir lá acima, depende da posição espacial do Conselho Executivo. Se puder ir dizer assim “olha, eu vou fazer isto no dia tantos do tal”, se puder fazer isso, eu que só vivo numa sala de professores, não vivo numa sala de Conselho

Executivo, mas eu garanto que é isso que as pessoas fazem. Se elas sabem que há alguém que quer partilhar aquele processo, elas escondem, fecham-se e não falam sobre eles, percebes? Ao passo que a partilha, não só daquilo que se faz numa turma mas daquilo que se faz numa escola, ela tem que existir. Por exemplo, para a semana, como tu sabes, vem cá o embaixador húngaro e o embaixador letónio. Eu acho bem que os diferentes grupos, dentro daquilo que sabem fazer, preparem a recepção dos embaixadores, como? Nem que seja colocando bandeirinhas da nacionalidade deles, uma porcaria qualquer, mas tem que haver discussão entre os grupos, tem que haver «o que é que vais fazer, o que é que vamos fazer isto, fazer aquilo» não pode ser assim “o meu grupo vai fazer isto, elas que se lixem” ó pá não pode ser!

Q- Então pode-se admitir que a Área de Projecto acaba por “rasgar”, mexer com as práticas das pessoas, com os seus hábitos?

Rasga, rasga. A Área de Projecto, mas também o ambiente que se vive nesta escola, a sua organização, a abertura que o órgão de gestão transmite, a forma como estão organizadas e funcionam as reuniões de coordenação pedagógica, parece-me que tudo isso tem facilitado, «rasga» os hábitos das pessoas, porque cria nas pessoas a ideia de que é fundamental a partilha e que já ninguém pode trabalhar sozinho. Até nem pode trabalhar em grupo só, em departamento curricular ou área disciplinar, tem que haver multidisciplinaridade, ou melhor, não é multi, é transdisciplinaridade, os grupos têm que se entender, nenhum deles pode querer ficar por cima ou por baixo.

Q-Então pode-se dizer que a Área de Projecto tem, pode ter essa “força”transformacional?

Exactamente pode funcionar como um motor de transformação de mentalidades. Eu pelo menos penso assim, não sei se os colegas estarão de acordo comigo. O próprio conselho de turma, a coordenação pedagógica, tudo. No primeiro dia tu tens um corpo de professores cujo rosto não conheces, fechado, “o que é que eu estou a fazer aqui, mas para que é que isto serve, mas que chatice, mas nas outras escolas não havia tantas reuniões” e as pessoas se têm essa postura no início, depois começam a perceber que sem aquelas reuniões também não conseguem fazer nada, estão perfeitamente deslocados do ambiente do ensino/aprendizagem, não estão a fazer nada, são peças dispensáveis. Ou as pessoas se integram no grupo ou são peças dispensáveis. Eu acho que têm que compreender isso. O tempo é que vai ajudando. A atitude de um professor no início do ano e a meio do ano não é a mesma.

Q-Mas não haverá, não se nota alguma margem de flexibilidade na organização das reuniões de coordenação pedagógica? E as pessoas acabam ou não por compreender a sua importância, sendo que aqui o tempo de “adaptação” tem um papel importante?

R-Nota, nota. As pessoas acabam por perceber que elas são fundamentais. Tem que ser, tudo tem que ser planeado no conselho de turma, não pode ser um professor a fazer ou outro a ajudar, não pode ser, as coisas têm que ser feitas entre todos, nós temos que estar por dentro de tudo. Eu, por exemplo, o próprio director de turma que dantes acabava por ser um professor que dava a sua disciplina e que depois tratava do problema das faltas e dos problemas disciplinares, e pouco mais e, enfim, sabia-se as notas que eles tinham nas diferentes disciplinas para se dizer aos pais, aos encarregados de educação, agora, não pode ser assim, ele tem que intervir inclusive, não direi nas aulas dos colegas, mas tem que intervir no trabalho dos colegas, através da, não é delimitação, da delineação de estratégias adequadas para resolver problemas a Francês, a Inglês, a Matemática, como é que estamos, o que é que vamos fazer, como é que podemos resolver este problema, porque apesar da transdisciplinaridade que nós defendemos, nós continuamos a ter disciplinas autónomas, não é? Portanto, temos que também estar atentos, agora, temos é que ter uma relação com

essas disciplinas e com aquilo que se faz em cada uma delas, temos que ter uma ideia diferente daquilo que tínhamos no passado. Eu no passado trabalhava para a geografia e acabou-se, agora não.

Q-Gostaria ainda de saber se a forma como foram constituídas as equipas de professores do 3º ciclo, tentando reduzir ao máximo o número de docentes por conselho de turma, se revelou mais facilitadora ou não para o desenvolvimento dos projectos?

R-Eu penso que sim. Com efeito, verifiquei que nesta escola, o número de professores por turma é mais reduzido. Temos, por exemplo, um mesmo professor para Português e Língua Estrangeira, ou um só professor para dois níveis de uma mesma Língua Estrangeira. Isso quase que faz aproximar o número de professores por conselho de turma ao número mais reduzido de professores que os conselhos de turma do 2º ciclo têm nesta escola. Com esta medida, o trabalho de equipa, a articulação e coordenação pedagógicas parecem ser mais eficazes no 3º ciclo.

Q-Quer acrescentar alguma coisa sobre a Área de Projecto que não tenha sido abordada?

R- Não sei se disse que é uma pena realmente não trabalhar em pares pedagógicos, porque facilitava muito mais, sei lá, o nosso trabalho. Não creio ter alguma coisa assim a acrescentar, acho que já até falei muito, espero ter,... que o meu discurso tenha sido coerente, porque por vezes a nossa cabeça está tão cheia de ideias, e de sensações e sentimentos, que por vezes temos um discurso menos coerente do que aquilo que deveríamos ter. Eu creio que a linha orientadora do meu pensamento está aí, se houver alguma dúvida...

**Quero agradecer-lhe a sua preciosa colaboração.
Muito obrigado.**

PROTOCOLO DA ENTREVISTA - PAIS/ENCARREGADOS DE EDUCAÇÃO

Nome: Marta

Local: Sala de reuniões do Conselho Executivo

Data: 19 de Fevereiro de 2003

Entrevistador: Fernando Elias

A entrevista iniciou-se com a apresentação dos objectivos do projecto de investigação, legitimação da entrevista e motivação da entrevistada.

Passou-se de seguida à formulação das seguintes questões:

Q-Gostava que me dissesse como se processam actualmente as relações entre a escola e os pais/encarregados de educação?

R- Ora bem, tenho alguma experiência porque acompanhei sempre, desde o início desta escola, a vida da mesma. Sempre estive muito perto, e posso dizer que a relação entre a escola e os encarregados de educação foi sempre óptima. As relações sempre foram muito boas, a escola sempre esteve muito aberta a todas as solicitações dos encarregados de educação, parece-me que nunca ninguém disse que alguma vez tivesse tentado vir aqui falar com alguém, com o Conselho Executivo, ou algum professor, dentro das necessidades que encontrava e que alguma vez lhe fosse negada essa conversa, essa participação, portanto, acho que sim, de facto tem sido muito próxima, muito boa as relações entre os pais e a escola.

Q-Os pais em que participam e como participam na vida da escola?

R- Os pais, normalmente, parece-me que participam mais dentro de algumas preocupações, de alguns problemas que surjam, nomeadamente mais por alguns problemas que às vezes surgem, pequenos problemazitos que surjam, não tanto voluntariamente. Não colaboram tanto quanto muitos podiam, mas vêm sempre que são solicitados. E quando são solicitados para algum trabalho, alguma ajuda e colaboração, também vêm. Agora, voluntariamente, se calhar, nem vêm muito, só que eu acho que isso, pronto, eu acho que os pais não têm, por vezes, não participam mais na vida da escola, porque também não têm formação para isso. Agora, a participação pode ser mais limitada porque não têm formação e também nunca lhes foi dada, e nós sabemos que vivemos num meio rural. Talvez a média dos pais, metade, sei lá, dos pais não têm mesmo formação básica para estar assim ao lado dos problemas e das solicitações que a escola impõe.

A participação traz vantagens, mas isso, eu acho que tem de passar talvez por uma formação, porque de facto, se os pais participarem na escola, têm que ter alguma formação, e algum conhecimento, porque os pais não podem chegar aqui e dizer vamos fazer assim, ou vamos fazer isto, ou vamos fazer aquilo. Têm que ter alguma formação de base e conhecimento de como a escola está organizada e funciona, e saber o que é que vão fazer e porque é que vão fazer, porque senão vão interferir com a vida da escola e podem até atrapalhar. Os pais devem sentir-se como parceiros da escola, porque, já viu, os pais chegam aqui e não podem vir para aqui dar ordens.

Os pais acima de tudo, na minha opinião, têm que saber e confiar na escola, saber confiar na escola e nas pessoas que estão à frente da escola, por isso é que elas estão cá. Depois, dentro daquilo que lhes é solicitado, devem colaborar dentro da formação que têm e porque eu acho que sim, que se pode ganhar muito com a participação dos pais na escola. Eu gostaria que a participação fosse muito maior e activa.

Q-Que medidas e estratégias acha que deveriam ser tomadas para estabelecer uma participação mais desejável?

R- Pronto, os pais precisavam ter alguma formação, mas para isso tem que haver uma grande vontade da parte dos pais, porque já se fizeram aqui algumas coisas em que se podia dar alguma formação aos pais e a escola está de tal maneira aberta que os próprios pais podiam ter mais essa formação e conhecimento das coisas. Mas para isso, precisam de vir mais à escola. Se bem que eles vêm bastante à escola, apesar de tudo. Vêm bastante à escola, só que é assim, eu acho que poderiam vir muitos mais, mas às vezes não vêm porque também têm um certo receio, um certo acanhamento. Portanto, precisam de ter, de facto, algum conhecimento, alguma participação, e acima de tudo, um gosto muito grande, muito grande pela vida escola, porque dessa vida depende a formação dos filhos, dessa vida, dessa escola também depende a formação dos filhos.

E é nessa base que esse trabalho com os pais tem de ser feito.

Têm-se tomado algumas iniciativas e medidas. Há eventos aqui na escola em que se convidam os pais para colaborarem, trazerem materiais, por vezes, participar. Sei de um projecto que alguém tinha convidado pais para assistir a um projecto, para assistir a um trabalho que estava a ser feito com professores e com alunos, e parece que os pais ficaram bastante satisfeitos com o trabalho que estava a ser feito, os pais que participaram viram o que é que os filhos estavam a fazer. Portanto, há determinadas áreas que, é evidente que não vamos poder por os pais a assistir às aulas de Português, mas há determinadas áreas, nomeadamente, sei lá, formação cívica, por exemplo, na área de projecto, em que os pais podem participar, sei lá, trazendo materiais, apresentando locais a visitar, por vezes, fazendo o acompanhamento... por vezes. Por exemplo, suponhamos que há pais que até têm alguma disponibilidade para acompanhar os filhos em determinadas deslocações, por exemplo, às vezes há uma certa dificuldade em ter professores, funcionários para determinadas deslocações, porque não alguns pais que até têm disponibilidade, dentro de uma determinada responsabilização, não podem acompanhar os filhos nesses projectos?

Às vezes, há determinadas coisas que nós temos de organizar aqui da escola, há pais, por vezes, que podem também entrar nesses projectos e dar sugestões para o melhor funcionamento da escola. Também não podemos só esperar que os pais exijam. Os pais têm de colaborar muito e isto está tudo, na formação que os pais às vezes têm. Têm que ter muita confiança nas pessoas que estão à frente dos projectos para que as pessoas que estão no nível superior possam trabalhar, porque se as pessoas vêm para aqui dizer “olha tem que ser isto ou fazer aquilo, ou não sei quê”, não, não deve ser assim. Primeiro devem mostrar-se disponíveis e colaborativas com as pessoas que têm responsabilidade e depois dentro das solicitações que são feitas então devem ajudar.

Eu acho que há pais que só o facto de participarem, de virem falar com os professores isso já lhes vai dando algum interesse e algum conhecimento e ligação à escola, não é?

Q-Relativamente às actividades da Área de Projecto acha que os pais/encarregados de educação participaram nas mesmas?

R- Pronto, se calhar não se participou muito. Não me parece que participem muito, mas porque se calhar também não lhes é solicitado esse trabalho. Eu acho que, logo no início do ano, houve uma aluna que me veio pedir para eu aproveitar todas as embalagens de plástico que eu conseguisse em minha casa, e eu achei aquilo um bocado descabido, mas pronto, juntei tudo e um dia perguntei-lhe se ela queria mesmo as embalagens, ela disse-me que sim. Portanto, isto é uma colaboração, e será que essa miúda pediu isso ao pai ou à mãe? É nestas coisas que os miúdos fazem abrir as consciências, os próprios miúdos também têm que pedir a participação aos pais, porque se os pais não souberem a ligação, os miúdos, os alunos é que têm de fazer essa aproximação, solicitar aos pais essa participação, e os pais

às vezes não participam mais vezes, alguns não participam mesmo porque, pronto, não têm mesmo capacidade para isso, mas há muitos que também não participam porque não lhes é solicitada essa participação. Agora, se os pais forem chamados à escola, eu acho que ficam até todos orgulhosos e são capazes de se começar a disponibilizar mais para a participação na escola, se lhes for pedida essa colaboração, se lhes forem postos esses desafios.

Q-Mas, voltando à Área de Projecto, em que participaram e como participaram os pais?

R- No apoio a materiais, na escolha dos temas, por exemplo, na recolha de materiais, nos locais a visitar, por vezes os pais também dizem os locais a visitar, acho que é extremamente interessante. Os pais por vezes têm um conhecimento diferente, não é maior mas é diferente da escola e podem sugerir locais a visitar, materiais a utilizar, porque eu sei que o projecto aqui da escola, este ano, é o ambiente, respeitar o ambiente, que é um projecto que nunca deve deixar de ser deixado de lado, acho que é uma coisa que tem muito para se explorar, é extraordinário o tema. Ora, se a escola, os professores solicitarem mais colaboração, por exemplo para esta área, os pais podem, muitas vezes, até conduzir e motivar, quer em casa quer na escola, podem visitar determinado local, fazer uma determinada recolha e apresentar sugestões. Apresentar sugestões, lá está, nós não podemos dizer que vêm os pais todos assistir, mas se calhar também era interessante pensar em fazer, com este tipo de actividades, se calhar era interessante convidar os pais, escalonar pais, no caso de não poder ser todos num dia, não era? Mas, sei lá, durante duas ou três semanas, dois ou três pais, convidar dois ou três pais a assistir, a ver o que é que os miúdos, neste tipo de aulas, neste tipo de projectos, estão a fazer. Acho que era muito interessante, porque estas aulas, acho que se proporcionavam a isso, em que os pais iam assistir ao que os miúdos fazem para despertar depois mais tarde as consciências. Esse facto é interessante, e aí a escola, eu acho, ia ganhar muito, porque os pais também se interessavam mais e achavam que os miúdos faziam alguma coisa de concreto e de útil para a sociedade.

Q-Mas, a escola não tem promovido iniciativas para motivar a participação dos pais nas actividades e projectos dos alunos?

Claro que isto tem sido feito, mas, isoladamente, porque os pais precisavam estar mais despertos, eu acho. Eu na minha opinião, acho que dentro das minhas possibilidades acho que sempre tive atenta a esses pormenores, mas acho que há pais que não estão. Há muitos pais que estariam ainda, mas isto tem-se feito muito. Mas por isso, acho que ainda se pode fazer mais, por exemplo, escalonar pais, ver o interesse dos pais para participar, dois ou três pais num dia, outros dois ou três noutro dia, sei lá, acho que era interessante fazer isso.

Q-A escola tem organizado actividades de informação e formação dos pais/encarregados de educação sobre a Área de Projecto?

R- Sim tem, e tem participado activamente em áreas de projecto até a nível nacional. Inclusivamente, foi há dois anos, não foi? que se ganhou um prémio, com um projecto desta natureza, da área de projecto, e houve uma altura em que os pais achavam interessante e procuravam saber o significado de uma bandeira, que foi hasteada na escola, e que foi ganha no âmbito de uma destas participações, em que a escola ganhou um projecto dessa natureza. Ora se a escola ganhou um projecto dessa natureza é porque de facto as pessoas participaram neles, os alunos.

Acima de tudo os pais participam sempre nem que seja quando aceitam que os filhos se desloquem a determinados sítios e portanto, quando autorizam os filhos a participar. E isso, aqui na escola e às vezes, mesmo fora dos horários das aulas, os pais têm autorizado e estão conscientes disso, que desta maneira estão a participar de alguma forma.

Falando daquilo que a escola tem feito, houve muitas actividades, têm havido imensas actividades de informação e de formação, os pais às vezes é que talvez também não, enfim,

não comparecem em grande número, mas tem havido. Tem havido por turmas e no ano passado uma sessão específica só para pais do 5º ano. Também houve grande receptividade dos pais no projecto em que se organizou uma feira tradicional aqui dentro da escola. Ao longo do ano tem havido imensas coisas, basta de facto querer participar porque tem havido muitas actividades de informação.

A escola está sempre, cada vez mais, eu acho cada vez mais, a motivar os alunos e os pais e nota-se ainda mais este ano. Eu acho que este ano, os miúdos estão bem motivados, portanto, mais empenhados, apesar das dificuldades que às vezes encontramos, como é o caso deste ano, por exemplo, das obras e não sei quê, mas eu acho que os miúdos estão a ser bastante motivados para estes trabalhos e para estas actividades.

Q-Tem conhecimento se foram encontradas outras dificuldades / obstáculos?

R- As dificuldades são mais propriamente alheias à própria escola, por vezes dificuldades económicas, e aí, até que ponto é que às vezes uma das coisas que os pais com maior poder económico, também sei lá, às vezes não poderiam contribuir com um pequeno donativo, uma coisa qualquer, lá está, os encarregados de educação, se lhes for solicitado, voluntariamente, talvez até apoiem.

Acho que a escola está sempre a debater-se com esses obstáculos, com esses obstáculos que são económicos. Os financeiros são sempre os maiores obstáculos, mas isso não é só daqui, é geral, enfim.

Q- Considera positivo o clima de trabalho que se tem vivido nas actividades da Área de Projecto?

R- O clima tem sido bastante positivo, e eu aqui acho que é muito importante que estas actividades se realizem, porque nós temos um universo de alunos, 400 alunos, 450 alunos, e dentro destes alunos nós temos que começar a despertar consciências para que os alunos tenham uma perspectiva de vida em termos de formação diferente. Há alunos que querem seguir um curso superior e há alunos que não têm capacidade para isso, mas ficam-se pelos cursos profissionais, e às vezes estas áreas de projecto dão assim pequenas aberturas já para começar a despertar algumas consciências e os alunos aqui começam a tomar o gosto por determinadas actividades e a ter consciência de determinadas competências.

Portanto, há áreas em que se estes projectos não forem desenvolvidos, podem-se perder muitas coisas, porque os alunos hoje em dia não podem olhar só para os projectos das áreas das letras e das ciências, porque há muitos alunos que não têm capacidade para isso e, daí, às vezes, não tirar grandes proveitos por uma questão de capacidades intelectuais. Agora, estas áreas, se forem bem exploradas, podem começar a nascer neles pequenos gostos por determinadas actividades e portanto, às vezes miúdos que vão para uma profissionalização e já tiveram conhecimentos, já tiveram visitas aqui, visitas de estudo, visitas em determinada empresas, porque estas áreas de projecto muitas vezes dão-lhes a conhecer essas coisas novas, acho que é extremamente importante aproveitar todas essas actividades. Eu acho que todas as actividades da área de projecto são importantes. Todas, porque os alunos despertam para muitas coisas, muitos interesses e muitas consciências e cada aluno é um aluno diferente e a um aluno pode despertar determinado gosto e a outro pode despertar outro, mas desperta sempre alguma coisa.

Q-E como considera o clima da escola em geral?

R- É óptimo, isto numa só palavra. Agora, isto se calhar é uma utopia, mas eu acho que esta escola tem capacidades para ser uma escola modelo. Não parece que seja assim tão impossível como isso, e isso era o meu sonho, o meu segundo sonho era esse, era sentir que esta escola fosse um dia uma escola modelo. Se calhar também não faço tudo o que está ao meu alcance para isso, mas se cada um de nós fizer mais qualquer coisa, eu acho que esta escola pode vir a ser uma escola modelo, porque esta escola em sete anos, e eu, é assim, eu

desde o dia 25 de Setembro de 1995, ou 23 de Setembro, salvo erro, acompanhei sempre a vida desta escola, sempre, e eu acho que esta escola tem evoluído em tantos aspectos, que eu acho que é extraordinário. Sinceramente, nós temos um à vontade mesmo em termos de conhecimentos, de abertura, isso é extraordinário. A escola abre-nos as portas, explica-nos as coisas, esclarece-nos sempre. Estão também sempre disponíveis para fazer reuniões, para nos receber sempre que o desejamos. Geralmente, dois dias antes de cada Conselho Pedagógico, a nosso pedido, o presidente do conselho executivo reúne sempre connosco.

Q-A atitude dos pais/encarregados de educação em geral, é positiva ou negativa, a respeito desta escola?

R- De uma maneira geral é positiva, muito positiva. Todos os pais têm uma... portanto, mesmo depois de terem deixado de ter cá filhos, continuam a dizer que esta escola tem de facto tido atitudes muito positivas. Aliás, esta escola, já teve problemas de comportamento de alguns alunos, que foram de tal ordem bem sucedidos no modo como foram solucionados, que me parece que se calhar não seria assim em todos os sítios. Não tenho conhecimento que seja assim em outras escolas. Às vezes há situações bem complicadas e que às vezes deixam arrastar. Inclusivamente eu, ainda há algum tempo, ouvi dizer de um aluno que veio de uma escola de Lisboa - «Ah, lá não é nada assim». Então é mais fácil, perguntei eu. «Não, é muito pior», disse o aluno. Pronto, são meios diferentes, formações diferentes, mas os alunos aqui, há um relacionamento entre professores, funcionários, alunos que é extraordinário, e os pais quando os filhos saem para estudar no ensino secundário, gostam de vir aqui. Os pais e também e muito, os alunos.

Nós temos sempre uma participação de muitos pais, quando são as assembleias de associação de pais, há uma grande participação. Em termos de associados, 50% dos pais são associados da associação de pais, o que é extraordinário. Em termos de aproveitamento, também me parece que é bastante bom até porque alunos que saíram do 9º ano o ano passado, foram confrontados com alunos de outras escolas e os resultados não estão a ser nada inferiores, pelo contrário. Eu estou a ficar surpreendida, parece-me que até já em relação a outras escolas secundárias onde eles estão, já tentei saber se havia algum estudo feito, alguma estatística e parece que não tem nada a ver o facto, portanto, o caso de alguns alunos serem mais inferiores, não tem nada a ver com o facto de serem desta escola, porque de outras escolas, e foram considerados até estabelecimentos particulares, em que os alunos até estão com um nível de aproveitamento inferior a de outras escolas, a esta escola, por exemplo.

Não há ressentimentos da parte dos pais. Os pais, apesar de às vezes pedirem pequenas exigências, estão satisfeitos. Eu lembro-me de algumas situações em que os pais exigem determinadas coisas que não têm grande cabimento, mas essa situação foi sempre resolvida pontualmente com a escola, às vezes coisitas até absurdas que eu acho que não havia razão dos pais estarem com tantas exigências, mas sempre foi resolvida. Portanto, os pais não têm realmente razão para dizer que, de facto, não são ouvidos. O ambiente aqui é bom, é bastante bom, os pais gostam desta escola.

Q-Acha que as actividades da Área de Projecto trazem vantagens reais para os alunos?

R- Muitas, claro que sim, acho que já respondemos a essa parte, porque penso que aqui tem a ver com a capacidade que os alunos têm de caminhar por uma formação cívica, pela vida fora, e todas as actividades que se realizem dentro da área de projecto por muito pouco que o aluno aproveite, aproveita sempre alguma coisa. Aproveita sempre alguma coisa e isto a mim diz-me que o aluno mesmo que não siga cursos superiores aprende sempre qualquer coisa para a sua vida do dia-a-dia, sempre.

Q-Quer dizer mais alguma coisa sobre a participação dos pais/encarregados de educação ou sobre a Área de Projecto?

R- Portanto, acho que praticamente está tudo dito. Acho que de facto, é uma sugestão, que os pais talvez pudessem ser convidados a participar, de uma forma organizada e disciplinada, claro, a participar nessas actividades da Área de Projecto. Porque, de facto, se a experiência for boa, e eu sei que a experiência fosse boa, eles próprios transmitiam essa ideia para o exterior e viam os alunos a trabalhar. Isto tinha que ser minimamente organizado, mesmo que fosse depois dos pais saírem do trabalho. Assim, os pais podem sugerir, lá está, os tais locais a visitar, materiais a utilizar, temas a tratar, e é basicamente isto, claro que não se pode pedir muito a participação, ou frequentemente. Deve atender-se às limitações que às vezes os pais apresentam, não é, os pais também têm algumas limitações, por causa dos empregos e outros, por falta de meios financeiros.

Quero agradecer-lhe a sua valiosa colaboração.

Muito obrigado.

PROTOCOLO DA ENTREVISTA – ALUNOS

Nome: Ivone

Local: Sala de reuniões do Conselho Executivo

Data: 25 de Março de 2003

Entrevistador: Fernando Elias

A entrevista iniciou-se com a apresentação dos objectivos do projecto de investigação, legitimação da entrevista e motivação da entrevistada.

Passou-se de seguida à formulação das seguintes questões:

Q-Gostaria que me disseses como foi escolhido o tema da Área de Projecto?

R- As professoras deram ideias e nós também tivemos as nossas. Fizemos grupos de trabalho e conversámos sobre isso. Depois, escolhemos em conjunto o tema.

Q-Quem é que participou mais na escolha das actividades, foram os professores ou os alunos?

R- Os alunos participaram mais, eu acho. As professoras também ajudaram, mas deixaram os alunos falar e escolher.

Q-Fizeram reuniões para essa escolha ou não?

R- Sim. Foi nas aulas.

Q-Houve acordo ou desacordo na escolha das actividades?

R- Houve acordo.

Q-E participaram todos os alunos ou alguns não participaram, alhearam disso?

R-Fomos todos. Há sempre alguns que falam pouco, mas acabam por concordar.

Q-Lembras-te do que têm feito nas aulas de Área de Projecto?

R- Temos pesquisado, trabalhado em grupo, coisas assim.

Q-E tens gostado de trabalhar em grupo ou não?

R-Tenho, é mais, mais movimentado. Todos falam, dão ideias.

Q-Na escola, fora das aulas de Área de Projecto, não trabalharam?

R-O quê? Trabalhos de grupo?

Sim

R-Nas outras disciplinas, só em algumas. Às vezes, nas Ciências, no EVT.

Q-E para fazer os trabalhos da Área de Projecto, tem sido preciso trabalhar fora dessas aulas?

R-Não. Nós temos pouco tempo livre, porque temos muitas aulas. Não dá, por isso fazemos tudo na Área de Projecto. Ah, às vezes, já, também trabalhámos certas coisas do nosso projecto noutras disciplinas, por exemplo, Matemática, Educação Visual e Tecnológica.

Q-Na tua turma, todos os teus colegas têm aderido ao vosso projecto ou houve alguns colegas que não se interessaram muito pelo projecto?

R-Todos temos aderido. Nos grupos, às vezes, uns só começam a trabalhar porque vêm os outros a trabalhar. Não se pode estar sem fazer nada nos grupos de trabalho.

Q-Tem alguma explicação para essa atitude?

R-Não sei, talvez porque a gente está a fazer coisas que gostamos e interessantes, assim, todos ficam interessados e trabalham

Q-Achas que esses trabalhos têm sido úteis para a escola? E para os alunos?

R- São, eu penso que são. Nós gostamos do que estamos a fazer.

Q-Os vossos pais participaram nas actividades ou não?

R- Só quando nós pedimos ajuda.

Q-Mas, foram mais os que colaboraram ou os que não colaboraram?

R-Acho que são muitos, os pais que não participam.

Q-Porque é que os pais, às vezes, não colaboram muito nestas actividades?

R-Não sei, os pais trabalham, falta tempo para vir ver a escola. Acho que é isso, não si bem. Os alunos, os professores, também não convidam a vir cá.

Q-Aqui na escola que equipamentos e locais da escola têm utilizado para fazer o vosso trabalho?

R-Utilizamos a sala de informática, a biblioteca, a sala de aula.

Q-Já tiveram a ajuda de alguém de fora da escola?

R-Não.

Q-Como é que têm apresentado os vossos trabalhos?

R-Na sala de aula.

Q-Os trabalhos têm contado para a avaliação?

R-Têm, têm. Todos os trabalhos, os professores falam deles, dizem o que está bem e mal.

Q-Sabes o que é que os professores têm valorizado mais?

R-Eu acho que é nos trabalhos de grupo. Eles costumam dizer os alunos que se interessam mais, os que trabalharam mais, os que estão a ser aplicados.

Q-Gostaste de participar nas actividades da Área de Projecto?

R-Sim

Q-Porquê?

R-É melhor nós trabalharmos assim por grupos, é mais divertido. Os professores também ajudam porque não estão a dar matéria.

Q-Achas que isso é importante para o teu futuro, para a tua vida?

R-Acho.

Q-Porquê?

R-Convivemos, fazemos grupos, conversamos todos, as ideias que cada um tem.

Q-E na tua turma, os teus colegas também gostaram?

R-Claro. É mais engraçado estar nestas aulas.

Q-Achas que essas actividades ajudaram os alunos com mais dificuldades ou foi ao contrário?

R-Ajudaram. Todos fazem qualquer coisa. Os professores já disseram isso, ... o que se faz nos projectos conta para a nota.

Q-Tu gostas mais de participar nas actividades da Área de Projecto ou nas actividades normais das outras disciplinas?

R-Eu gosto mais da Área de Projecto, mas também gosto de outras aulas, algumas.

Q-O que é que tu notas de diferente?

R-Nas aulas de Área de Projecto, os professores deixam estar os alunos mais à vontade, falam mais connosco. Nós dizemos o que pensamos e os professores deixam, não ralham.

Q-Pensas que há uma maior relação de amizade?

R-Os professores são mais abertos, as aulas não são pesadas, os professores não estão sérios, sem rir e a gente pode falar de qualquer coisa.

Q-Gostas de andar nesta escola?

R-Eu acho fixe. Os professores, os funcionários, os meus colegas é bom. Somos amigos.

Q-Porquê?

R-A gente podemos andar pela sala, pela escola, temos muito computadores.

Q-Na tua turma é habitual haver actos de indisciplina ou falta de respeito?

R-Não.

Q-E nas aulas de Área de Projecto, quando estavam a fazer as vossas actividades, como era?

R-Havia mais barulho, mas é normal. Só isso. Mas, não é muito, é porque os grupos falam mais.

Q-Pensas que as actividades da Área de Projecto trazem vantagens para os alunos?

R-Eu estou a gostar. Aprendo mais coisas. Gosto de pesquisar. Também não é preciso estar a tirar apontamentos e a estudar coisas que às vezes eu não gosto lá muito. Conversamos mais, somos um grupo unido. Os alunos e os professores.

Q-Queres dizer mais alguma coisa sobre as actividades da Área de Projecto?

R- Não.

Quero agradecer a tua colaboração.

Muito obrigado.

Anexo N. Grelha-roteiro de observação das aulas e actividades da Área de Projecto^a

CÓDIGO	CATEGORIA	SIM	NÃO
Discurso dos professores	Discurso do professor – Flexível		
	Discurso do professor – Negociador		
	Discurso do professor – Encorajador		
	Discurso do professor – Transmissor		
	Discurso do professor – Investigador		
	Discurso do professor – Motivador		
	Discurso do professor – Indiferente		
	Discurso do professor – Autoritário		
Discurso dos alunos	Discurso do aluno – Resposta		
	Discurso do aluno – Iniciativa		
	Discurso do aluno – Intervenção		
	Discurso do aluno – Contestação		
	Discurso do aluno – Ironia		
	Discurso do aluno – Provocação		
	Discurso do aluno – Ausência de discurso		
Silêncio ou Confusão	Pausas prolongadas sem trabalho		
	Interrupções diversas		
	Indisciplina		
	Comunicação difícil de captar		
	Início tardio das actividades		

^a A construção da grelha é nossa.

Os instrumentos teóricos para a sua construção foram retirados da obra *Observar Para Avaliar*, Jean-Marie de Ketele et al. Livraria Almedina, Coimbra, 1985.

CÓDIGO	CATEGORIA	SIM	NÃO
Estratégias mais utilizadas	Os alunos, em grupo, realizam tarefas indicadas pelo(s) professor(es).		
	Os alunos realizam, em grupo, tarefas da sua escolha.		
	Os alunos trabalham, individualmente, tarefas indicadas pelo(s) professor(es).		
	Os alunos trabalham, individualmente, tarefas da sua escolha.		
	O(s) professor(es) explica(m) a matéria a todos os alunos.		
	O(s) professor(es) escolhe(m) o assunto e deixa(m) a(s) aula(s) decorrer(em) ao ritmo dos interesses e das questões levantadas pelos alunos.		
Estratégias de formação mais utilizadas baseadas nas relações com o meio	Recorreu à realidade do meio para manter os alunos motivados.		
	Utilizou o meio com intenção única de variar as práticas.		
	Incrementou as relações com a comunidade para animar a vida da turma.		
	Procurou a colaboração de elementos externos com o intuito de aprofundar áreas de conhecimento.		
	Privilegiou a colaboração da turma em actividades de iniciativa externa.		

CÓDIGO	CATEGORIA	SIM	NÃO
Estratégias de avaliação privilegiadas	Testes		
	Trabalhos individuais		
	Trabalhos de grupo		
	Apreciação da participação oral		
	Participação em trabalhos de projecto		
	Uso constante da avaliação formativa durante o processo, com informações aos alunos dos resultados alcançados e a previsão de novas experiências, se necessário, para melhorar o comportamento professor/aluno e novas motivações.		
	Auto-avaliação dos alunos, como um recurso para melhorar a atitude do professor ou para atribuir a informação ao aluno.		
Procedimentos e selecção de experiências pelos alunos	Fazem o levantamento dos temas/problemas em conjunto com os alunos.		
	Ajustam os procedimentos e experiências, tomando como base os interesses e necessidades dos alunos.		
	Incentivam a troca de ideias, a discussão e a pesquisa/investigação.		
	Estabelecem uma relação de cooperação com vista à melhor planificação dos temas.		
	Organizam a formação com procedimentos que se orientam para o trabalho de projecto e a intervenção no meio local.		
	Recorrem sistematicamente a soluções expeditas de última hora e assumem atitudes conformistas.		
	Seleccionam materiais de estimulação e pesquisa/investigação (textos, recursos visuais, audiovisuais, etc.).		

CÓDIGO	CATEGORIA	SIM	NÃO
Práticas privilegiadas pelos professores	Exposição da matéria.		
	Interpretação de documentos e material audiovisual		
	Utilização de mapas, quadros, gráficos, diagramas, dados estatísticos.		
	Consulta de jornais, livros, índices, dicionários, enciclopédias.		
	Organização de trabalho de pesquisa (inquéritos, levantamentos, inventários, questionários, etc.).		
	Visitas guiadas.		
	Exposições e campanhas de informação na comunidade.		
	Análise de mensagens.		
	Debates com especialistas.		
	Actividades para detecção dos recursos existentes na comunidade local.		
	Actividades de contacto.		
	Elaboração de projectos individuais de pesquisa e intervenção.		
	Elaboração de projectos de grupo vocacionados para a intervenção no meio local.		
	Elaboração de projectos colectivos que pressuponham a participação na comunidade.		

**Anexo O. Exemplo de uma planificação da Área de
Projecto**

**Anexo P - Exemplo de actividades previstas no Projecto
Curricular de Turma de uma turma do 2º ciclo**

Actividades previstas no Projecto Curricular de Turma
«Quinta do B!»
que possam integrar o Projecto ECO-ESCOLAS

Turma B

Directora de Turma:

ACTIVIDADE	DISCIPLINA /ÁREA	CALENDARIZAÇÃO
Realização de pesquisas sobre <u>a árvore, as plantas, as flores, os frutos, a vida agrícola e os espaços verdes.</u>	Língua Portuguesa	Ao longo do ano
Leitura orientada da obra « <u>A Floresta</u> ».	Língua Portuguesa	Ao longo do ano
Realização de cartazes alusivos ao <u>Dia Mundial da Floresta</u> e ao <u>Dia Mundial do Ambiente</u> .	L. P., E.V.T., E.A., A.P.	2º e 3º Períodos
Descrição de <u>imagens da Natureza</u> .	Francês	Ao longo do ano
Realização de um trabalho de projecto « <u>My favourite farm animal</u> ».	Inglês	3º Período
Registo de <u>plantas e de técnicas de aproveitamento da água</u> introduzidas na Península Ibérica pelos Muçulmanos.	História e Geog. de Portugal	2º Período
Realização de uma monografia sobre <u>um rio</u> .	História e Geog. de Portugal	2º Período
Elaboração de um mapa com a distribuição da <u>vegetação natural</u> em Portugal.	História e Geog. de Portugal	2º Período
Interpretação de gráficos <u>termopluviométricos</u> .	História e Geog. de Portugal	2º Período
Recolha de dados sobre as <u>temperaturas da região</u> (registo diário durante o mês de Março) e elaboração do respectivo gráfico de barras.	Hist. e Geog. de P., Matemática	2º Período
Construção de um <u>herbário</u> com folhas da região colhidas e tratadas pelos alunos.	H.G.P., Mat., Ciênc. Natureza	3º Período
Elaboração de cartazes sobre a <u>constituição da flor</u> .	H.G.P., Mat., C.N.	3º Período
Elaboração de um livro de grande formato (A ₂) sobre a <u>diversidade nos animais</u> .	Ciências da Natur., E.V.T.	3º Período
Construção de máscaras carnavalescas tendo por base a temática da <u>Natureza</u> .	E.V.T.	2º Período
Audição e identificação de timbres de <u>animais</u> e de instrumentos de trabalho agrícola.	Educação Musical	1º Período
Jogos de expressão: os diferentes tipos de andamento com exemplo na <u>locomocão dos animais</u> .	Educação Musical	2º Período
Organização de jogos relativos à <u>preservação da qualidade do ambiente</u> .	Educação Física	Ao longo do ano
Realização de um trabalho de pesquisa sobre « <u>Cultura Biológica</u> ».	E.A., A.P.	2º Período
Criação de uma <u>quintinha/estufa</u> para <u>cultivo sem fertilizantes químicos</u> e posterior venda dos produtos.	A.P.	Ao longo do ano

« Quinta do B! »

Elaboração de quadras e de slogans alusivos ao Projecto

*Em Área de Projecto
Todos vamos ajudar
Projectando as ideias
Para o papel e não para o ar.*

*Nesta área divertida
Muito temos que aprender
Semeando a amizade
Aprendendo a conviver.*

*Em Área de Projecto
Voa a imaginação
Valorizando os afectos
Está tudo na nossa mão.*

*Na nossa escola
Nem tudo está correcto
Mas vamos ajudá-la
Em Área de Projecto.*

*Na sala de aula
Nós vamos trabalhar
A Área de Projecto
Nos vai ajudar.*

*Em Área de Projecto
Há vontade de aprender.
A plantar! A imaginar!
Tantas coisas p'ra fazer!*

*Nós em Área de Projecto
Fazemos plantações no lugar certo!*

*O repolho a acenar
E a couve a dizer:
- Sem adubo também podemos crescer!*

*Na nova Quinta do B
Plantamos os vegetais
E para isso contamos
Com a ajuda dos nossos pais.*

*Para dar vida à quintinha
Todos vamos trabalhar
Os alunos p'ras plantinhas
E os profs p'ra'judar.*

*Na nossa alegre quintinha
As plantas vamos plantar
É regar e dar-lhes sol
E música para alegrar!*

*Na Quinta do B
Podemos cultivar
Alguns alimentos
Sem os adubar.*

*A Quinta do B
É a nossa criação
Todos vão adorar
Esta nossa plantação.*

*Na Quinta do B
Queremos participar
E com os professores
Vamos semear.*

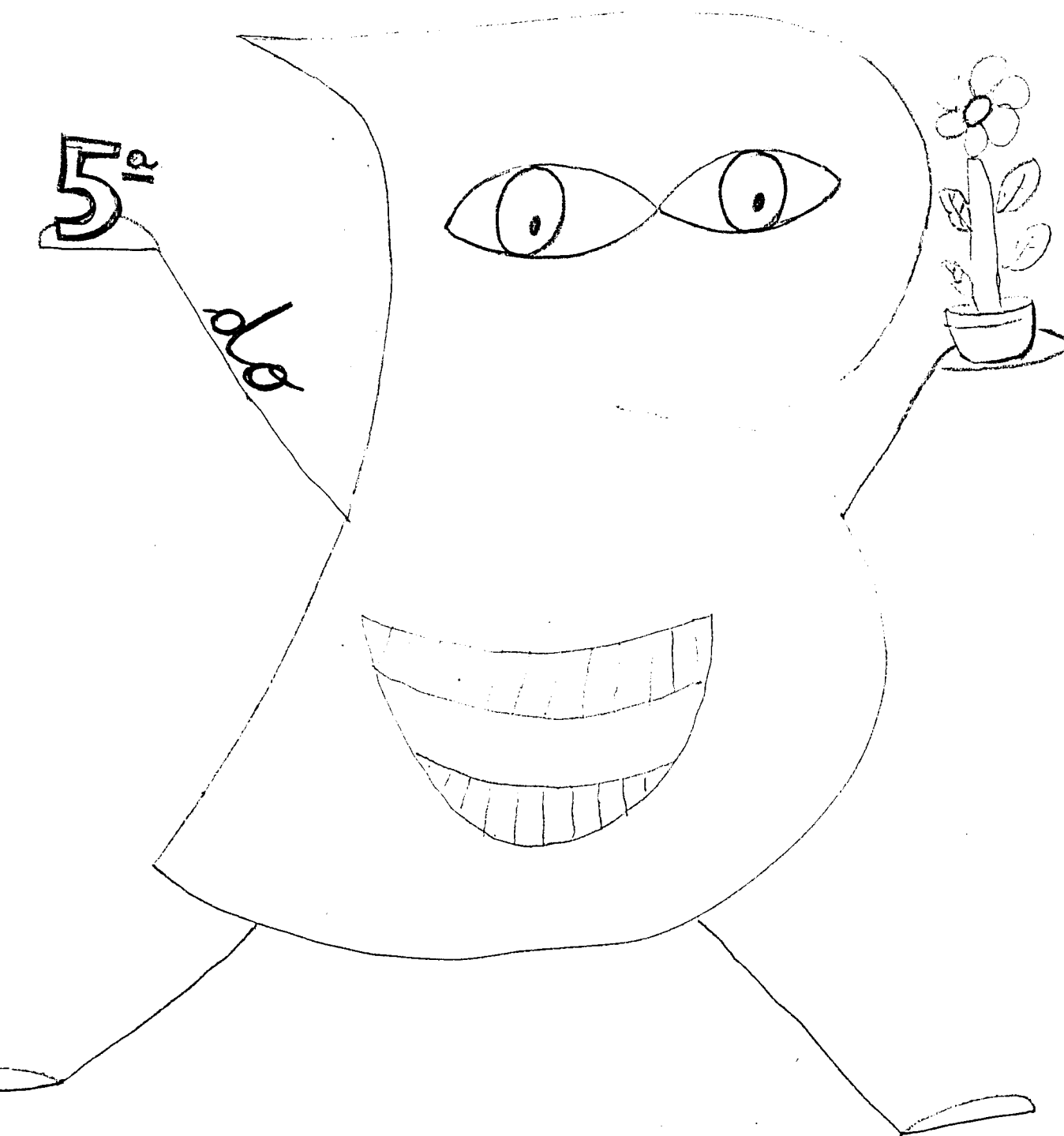
*Na Quinta do B
Os químicos estão fora
Para não estragar
O mundo onde mora.*

*Neste lugar que aqui vê
Nasceu a Quinta do B!*

*A Quinta do B é super!
Super-quinta!
"Ganda pinta"!*

« Quinta do BI »

Exemplo de proposta para Logotipo do Projecto



Colmeias, 9 de Fevereiro de 2003

« Os Espantalhos »

Elaboração de Bordaduras

No dia 26 de Novembro de 2002, na aula de Área de Projecto, na lição nº 21 e 22, com as professoras Paula Almeida e Fátima Aires falámos sobre as bordaduras do Diário de Bordo. Muitos alunos fizeram em casa e trouxeram para a escola vários projectos, outros fizeram dentro da sala de aula. Depois da recolha, as professoras digitalizaram as bordaduras e imprimiram a cores para uma folha. Fizemos as escolhas de bordaduras para o rodapé das folhas do Diário de Bordo que nela representassem a agricultura biológica e a "Quinta do D!"

« Quinta do B! »

Exemplos de bordaduras realizadas pelos alunos
a incluir como elemento decorativo nas folhas do *Diário de Bordo*

